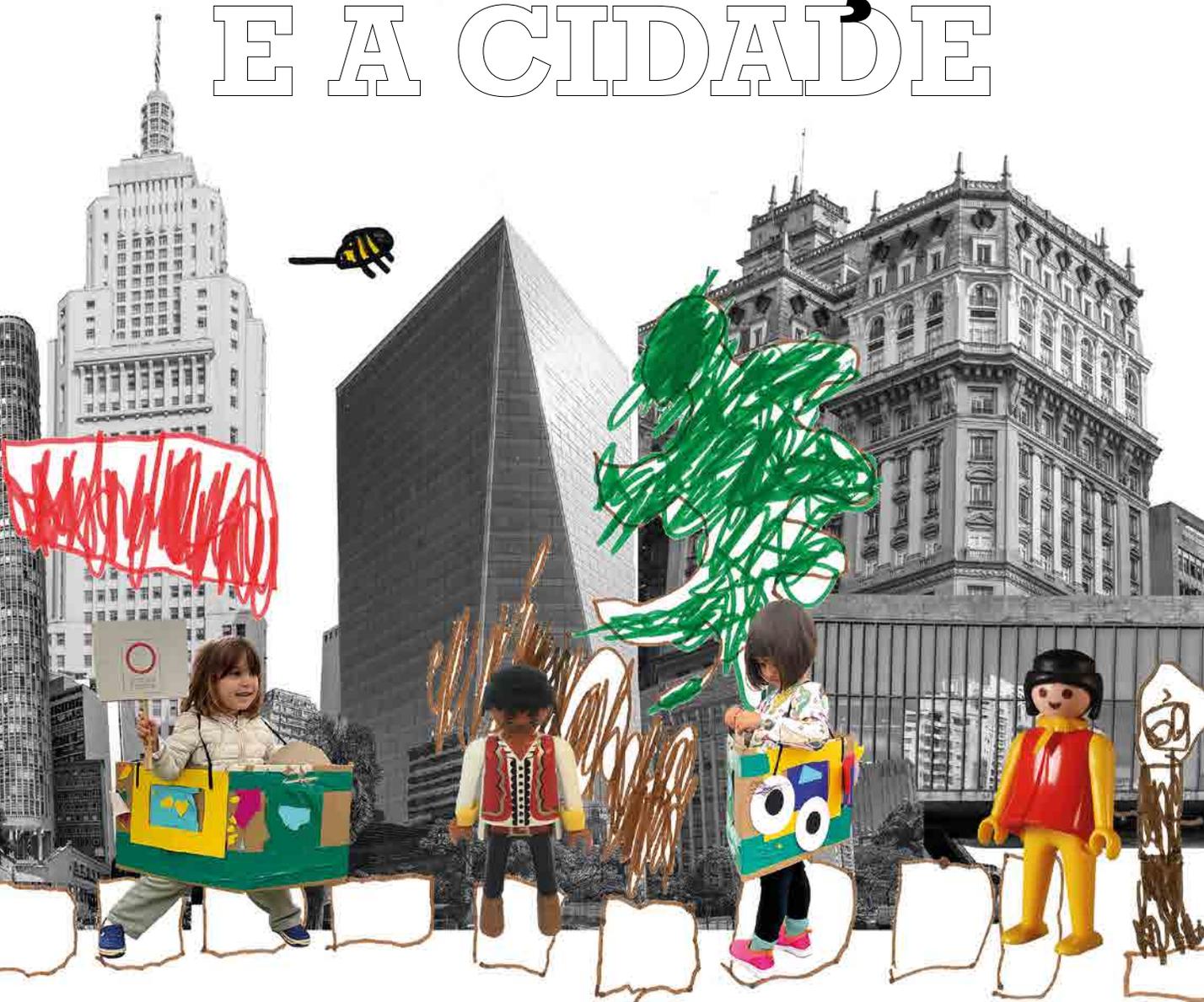


EXPERIÊNCIAS NA
CIDADE EM 2023
G1 AO G4



A CRIANÇA E A CIDADE



EXPERIÊNCIAS NA
CIDADE EM 2023
G1 AO G4



A CRIANÇA E A CIDADE

sumário

APRE- SENTA- ÇÃO

8 A criança e a cidade

G1

- 15 Quem mora aqui?
- 25 Cidade-brinquedo
Descobrir possibilidades de ocupar a cidade pelo brincar
- 35 Habitar um novo espaço

G2

- 47 Cidades brincantes
Intervenções urbanas e o imaginário das crianças
- 59 Quais sinais nos ajudam a andar pela cidade?
- 69 *A cidade é bem ali.
Bem quando a gente sai da porta. Elena*
- 81 Mapas e caminhos da cidade

G3

- 97 Para ser cidade, tem que ter pessoas
- 107 Como as frutas chegam até sua casa?
Percurso na cidade
- 121 Pequenos caminhantes
Como seria uma cidade para crianças pedestres?
- 131 Para onde foram as abelhas?
Olhar a cidade pelas perspectivas das abelhas

G4

- 145 Quais vidas cabem no espaço urbano?
- 157 Criança e cidade
Relações de afeto construídas no encontro com os vizinhos
- 171 Memórias da cidade, cidades com memórias
- 181 Entre a floresta e a cidade, passa um rio

APRE-

SENTA-

CÃO

A criança e a cidade

Já há alguns anos, temos pensado como nossa comunidade escolar habita São Paulo e se coloca na relação com ela: pressa, urgências, condomínios, clubes, muros altos, câmeras, medos, usar carro, ônibus, bicicleta, jardins, praças. Parar, olhar, contemplar, respirar são ações também urgentes para que se perceba o fluxo da vida nesta cidade, seus dilemas e maravilhas, e se construa uma identidade nela.

O primeiro passo foi provocar nos adultos uma percepção mais porosa de suas relações com a cidade. Documentações compartilhadas com as famílias, ateliês formativos com os professores, palestras, parceria com associações que também habitam a cidade, passeios pela cidade convidando a diferentes pontos de vista foram algumas das ações a que esse processo nos chamou. Como foi lindo nosso coletivo de educadores passeando pelo centro da

cidade, aprendendo e descobrindo brechas para olhar e se encantar!

Os convites para as crianças do G1 ao G4 foram os mais diversos, pois sempre são alinhados a questões e processos de investigação e aprendizagem de cada turma. Desse modo, professores e crianças têm protagonismo para o que se cria dentro da Escola, colocam suas subjetividades em jogo e, na relação com as intenções de aprendizagem, constroem percursos autorais e cheios de sentido.

Do meu lugar de coordenadora, vi os percursos que começaram por linhas pontilhadas ganharem tons, densidade, cor e vida. Um professor dá uma ideia, uma criança aponta uma descoberta, uma família se emociona com a potência de seu filho, e orientadoras se maravilham com o que acompanham nos grupos. Escola é essa coisa viva, organizada, planejada, mas que se deixa afetar pelos encantamentos e curiosidades que emergem.

O projeto **A criança e a cidade** teve como premissa o valor da ocupação e da experiência em espaços públicos. É no cotidiano que nos confrontamos com dilemas, maravilhamentos, encantamentos, injustiças, problemas e alternativas interessantes para questões da cidade que nos afetam. Os percursos de investigação foram variados, o que nos mostra a relevância e a amplitude desse tema tão ordinário em nosso dia a dia. É preciso dar a

eles evidência e visibilidade para que boas conversas e reflexões aconteçam.

Com a vida da cidade mais dentro da Escola e as turmas ocupando a cidade, o formato da exposição-ateliê tradicional dos finais de ano começou a ser repensado. Vamos mesmo expor tudo o que temos aprendido da relação entre criança e cidade dentro dos muros da Escola? Tijolos, paredes e novas construções foram sendo problematizadas para que, com a equipe de professores, pudessemos inventar outro formato para partilhar com as famílias nossas experiências e aprendizagens.

Processos com as crianças bem vividos nos levaram à ocupação de diversos pontos da cidade com perguntas únicas de cada turma. Famílias nos acompanharam, e com isso só cresceu o sentimento de comunidade escolar e pertencimento que tanto valorizamos. Sim, nos alinhamos a movimentos sociais, a outros sujeitos e agentes que fazem o fluxo da cidade, ocupamos espaços públicos, criamos e aprendemos juntos. O brilho nos olhos de professores, crianças e familiares foi evidente. Faz bem fazer parte, estar junto, sentir junto, inventar junto! Esse é um legado enorme da Escola para a vida das famílias contemporâneas. Vivê-lo nessa intensidade nos fez bem, muito bem!

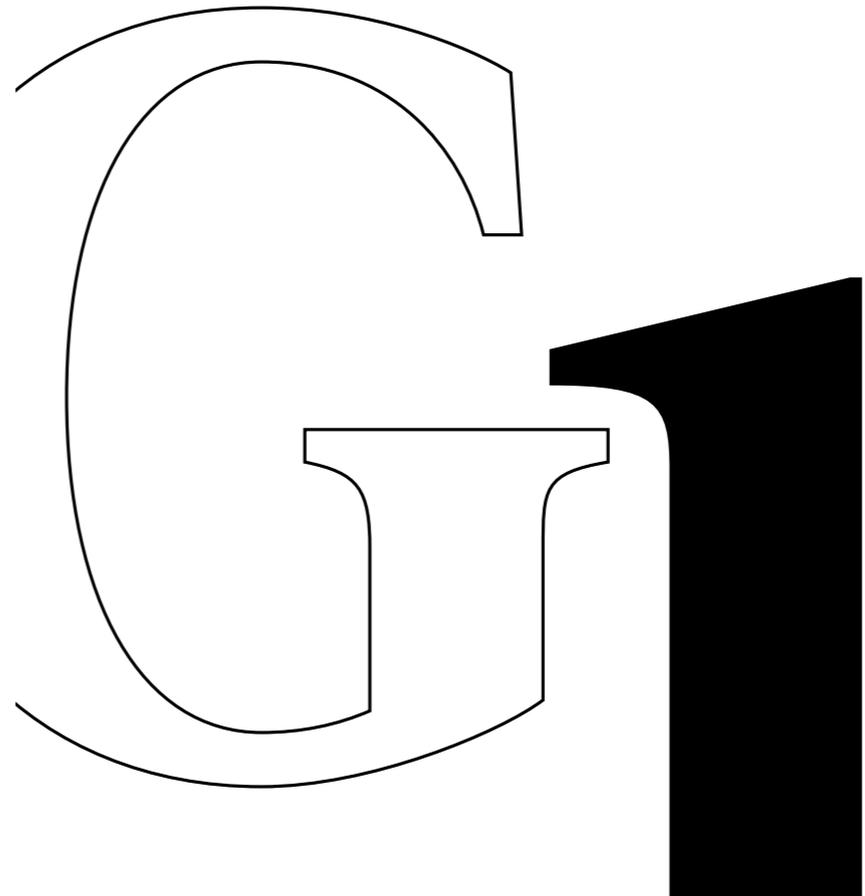
Muitas reflexões vieram desse processo todo, muita alegria e realizações compartilhadas, com mais proximidade e cumplicidade

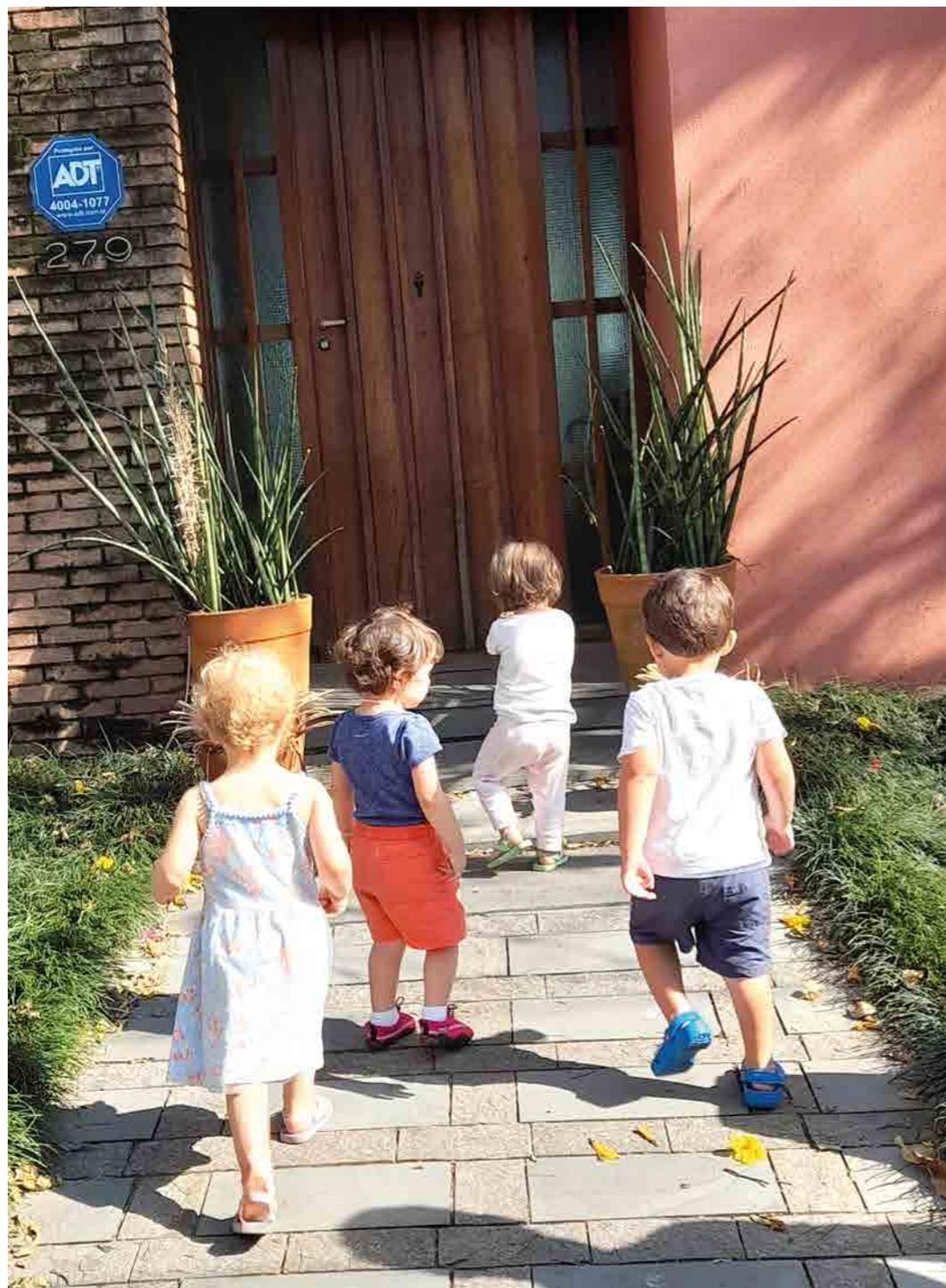
na parceria família-escola. Entre nós, equipe interna do Vera, a maior e melhor descoberta foi de que podemos reinventar a vida na Escola — reinventar grandes eventos, a vida cotidiana, nossas relações. Os valores e princípios do projeto político-pedagógico do Vera são nossos parâmetros, e dentro deles fazemos escolhas. O currículo orienta nossas escolhas, a partir das quais criamos nossa autoria. Que esse sentimento e aprendizagem perdurem pelos próximos anos, para que a gente ainda invente muita coisa junta!

Muito obrigada à equipe de professores da Unidade Alvilândia e à equipe administrativa do Vera, que também foi envolvida nesse processo, em especial às orientadoras, Lícia Breim, Luciana Cabral e Silvia Macul, e às atelieristas Daniela Dini, Danielle Silva e Luz Marina Spíndola, que são mais do que parceiras nessa vida viva de nossa Escola!

Fabiana Meirelles

Coordenadora





PROFESSORAS
Ana Paula Carrascosa
Flávia Marcomini

AUXILIAR DE GRUPO
Larissa Neves

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Quem mora aqui?

No 1º semestre, nosso grupo se relacionou com o ambiente da escola, se familiarizou e significou os espaços a partir das relações estabelecidas com eles.

Apoiados nessa experiência, no 2º semestre nossa intenção foi viver a relação das crianças com a cidade, com base nos trajetos vividos no quarteirão da escola, e **olhar para seus afetos na relação com o espaço urbano.**

Olhar e passear no entorno da escola foi uma experiência inaugural e proporcionou momentos ricos de trocas e curiosidades. Ao longo do percurso, cada criança vive sua experiência, compartilha suas percepções e se relaciona com a ação do outro.

Não tem ninguém aqui na porta aparecendo! Não vem ninguém nessa porta, todo mundo foi embora nanar! Lorena

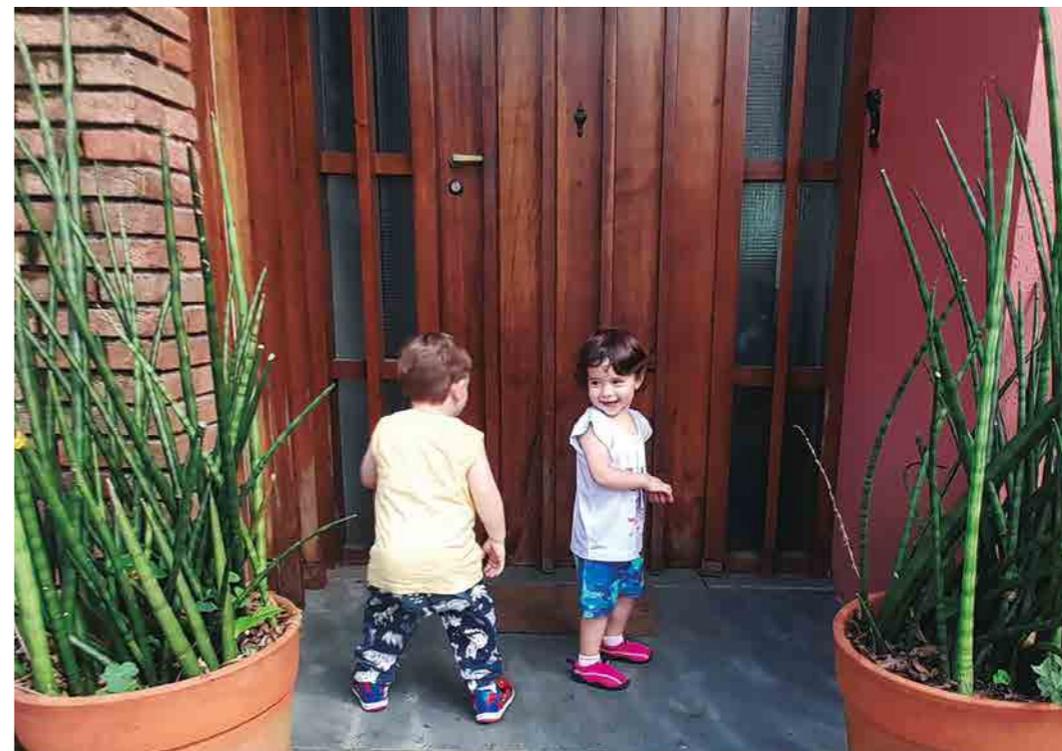
No caminho, se encantam com as portas das casas. As crianças batem nelas, tentam abrir maçanetas, chamam por alguém e começam a se perguntar: “**Quem mora aqui?**”.

João e Gil, que também compartilham da pergunta de Lorena, batem na porta, mexem na maçaneta, batem palmas e espiam entre as frestas. Ao perceberem que nada aconteceu, se mostram inconformados.

Ao se relacionar com o questionamento dos amigos, Malu sugere: “Vamos para outra casa!”.

Entre uma casa e outra, as plantas dos jardins, as árvores, os desníveis das calçadas, dentre tantas outras interferências encontradas, convocam as crianças a inventarem diversas brincadeiras e a pensarem em estratégias para superarem os obstáculos. Cada criança se relaciona de um jeito singular com o trajeto, que ganha novos olhares a cada passeio.

A pergunta sobre quem mora ali continua pulsante. Ao se relacionarem com ela, as crianças elaboram hipóteses e recorrem ao imaginário, especialmente de seu repertório literário. Mesmo quando encontram algum morador, elas continuam envolvidas no faz de conta. Nos parece que **imaginar quem mora na casa é a grande brincadeira.**



Madalena: *A casa do lobo!*

Pietra: *Oh, Flávia, essa é a casa do lobo? O que será que ele tá fazendo?*

Antônio: *Não sei! O que você tá fazendo, lobo?*

Eva: *O lobo não tá em casa!*

À medida que vivemos essa experiência, percebemos que, a cada nova caminhada, as crianças se familiarizavam e ressignificavam o espaço urbano de nosso quarteirão. Assim, foram brincando e se perguntando sobre a cidade.



Uma construção de sentido foi elaborada a partir dessa caminha pela cidade, envolvendo um tempo para olhar, se relacionar e questionar: “Quem mora aqui?”.

Quem mora aqui?



<https://veracruz.ink/40bYuyo>



A ocupação

Com alegria, nos reunimos na Escola para caminharmos juntos. A proposta compartilhada era de um caminhar no tempo, com os olhos atentos das crianças, e nos relacionar como adultos, com nossos afetos e percepções sobre a cidade. O grupo foi encontrando um ritmo de caminhada conjunta e fazendo pausas coordenadas pelas crianças: uma poça d'água, as luminárias diferentes e “geladinhos” no chão, um vaso maior que todas as crianças, no qual elas apareciam refletidas, uma gaveta de entregas na portaria de um dos prédios, o jardim de pedrinhas etc. Foram muitas as paradas. De tempo em tempo, o grupo fazia uma parada para se reunir e continuar caminhando junto.

Ao chegarmos na praça, um encontro cuidadosamente organizado por Bethinha, muita dança e alegria juntos.







PROFESSORAS
Nathália Puccinelli
Sofia Alves

AUXILIAR DE GRUPO
Aldenise de M. Rocha

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Cidade-brinquedo

Descobrir possibilidades de ocupar a cidade pelo brincar

Desde de muito pequena, a criança, com seu olhar, presença e pertencimento, cria e recria a cidade a seu modo, inventando formas de ocupá-la.

Como ponto de partida para essa investigação, começamos a caminhar pelo entorno da escola, considerando esse momento de relações inaugurais e descobertas do G1.

Como ocupariam a cidade?

O mundo se expande! Nessa relação criança e cidade, as crianças nos convidam a olhar coisas que, na maioria das vezes, nos passam despercebidas. Algumas delas marcaram nossos trajetos: o “lago” na beira da rua, as cascas grandes de árvore sempre caídas no chão, a casa em construção e seus ruídos, a van estacionada na esquina, as “casinhas” dos seguranças e os encontros com eles, Leo e Sidnei. Paradas obrigatórias que construímos nesse ato de caminharmos juntos e de sermos afetados pelo afeto do outro.

Mas o que mais convocou o grupo foi a possibilidade de brincar a cidade! **A cidade-brinquedo!** As crianças exploraram diferentes formas de ocupar o espaço: se equilibrar nas muretas...



... percorrer o murinho da casa...



... subir e pular do degrau...

... encontrar cantinhos para se esconder do lobo...



... viver a grama fofinha.





A descoberta de uma criança encanta as outras, e juntas brincam e exploram o espaço.

Na cidade-brinquedo, **criança e cidade se transformam juntas!**



A ocupação

Sábado de sol, crianças e famílias chegam com tranquilidade. Uma roda se forma no nosso ponto de encontro e ali já iniciamos conversas gostosas. Aos poucos, o grupo vai se formando e começamos nossa cantoria acompanhados do violão de Kika. A praça se movimenta também, pessoas se aproximam e se juntam para cantar conosco. O espaço público pulsa diversidade e possibilita encontros inusitados. Ocupar a cidade coletivamente é diferente, gera curiosidade nas pessoas que ali estão.

Convidamos as famílias a realizarem um trajeto na praça Praça Horácio Sabino. Um caminho curto que poderia ser realizado em minutos, mas que, propositalmente, demoramos uma hora. Seria percorrido coletivamente a partir do olhar das crianças. Tudo naquele local poderia virar uma possibilidade de brincar.

Um tronco que vira um cavalo, outro que vira um túnel, bancos para escalar, grades para subir, uma churrasqueira deixada ali atrai a curiosidade e logo as crianças se reúnem ao seu redor para prepararem comidinhas, as famílias entram na brincadeira.

As crianças nos ensinam a transformar coisas usuais em novas possibilidades. Dessa forma, uma praça é um universo, cada canto pode ser ressignificado e a cidade vira brinquedo.







PROFESSORAS
Nathália Puccinelli
Viktória Cordeiro

AUXILIAR DE GRUPO
Aldenise de M. Rocha

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Habitar um novo espaço

Chegamos à escola.

E nesse processo de chegada, e acolhimento ao longo deste semestre, passamos a conhecer e a descobrir maneiras de habitar esse novo espaço. Para o G1, é um momento inaugural, de primeiras descobertas e relações com um espaço coletivo. Nos tornamos um grupo.

Mas como habitar esse espaço?

O que ele nos mostra?

Como convoca cada criança?



A partir dessas perguntas, passamos a viver cotidianamente com o grupo o mesmo percurso pela escola. **O nosso passeio!** Um caminho que se tornou um momento importante e esperado por todos.

Aos poucos, construímos sentidos e significamos os muitos cantos que a escola nos apresentava, a partir das relações que estabelecíamos com cada um deles.



Vamos até a sala de leitura falar oi para o lobo.



Depois, entramos no corredor e paramos na composteira, onde observamos as minhocas.



Continuamos nosso caminho pelo corredor. Olhamos as salas do G3 e G4, encontramos e colhemos florzinhas no chão, mexemos nas pias.



Paramos no fundo da sala de leitura e lembramos que o lobo está lá dentro.



Vamos para a pracinha, lugar onde observamos as árvores, as abelhas e a casa delas.



Depois de um bom tempo lá, nos dirigimos para a areia, nossa última parada!

Assim que iniciamos nossos passeios, atentamos para como cada criança vivia esse mesmo trajeto de uma maneira diferente da outra. E passamos a olhar para isso! Para o caminho que cada uma percorria, como cada uma era afetada e para onde iam os olhares. E podemos dizer que cada criança construiu o seu caminho singular dentro de um caminho coletivo.



Manu, com seu dinossauro, gosta de sentar na cadeira e observar o espaço e as pessoas.



Pedro sempre se relaciona com as árvores. Gosta de se imaginar subindo nelas.



Luca procura os pula-pulas. Adora pular cantando "Pipoquinha".



Daniel sempre sobe no murinho e procura as abelhas.



Teresa cumprimenta o lobo e corre para alimentá-lo.



Naomi tem essa delicadeza no movimento com os dedos na areia.



Eva ama as minhocas e pede, do seu jeito, para segurá-las.



Alana já se adianta, sobe na cadeira para pegar as minhocas.



Emília colhe as flores no meio do caminho e as segura por todo o passeio.



Bel fica atenta e curiosa a tudo que vê pelo caminho, recolhe pequenas flores e as cheira.



Francisco para em todas as torneiras, tenta abrir, e nos diz: "Não pode?".



Nina e os balanços... Assim que chegamos a esse espaço, corre para aproveitar cada minuto nesse brinquedo.

A percepção do espaço pelas crianças não é a mesma, porque cada uma olha para ele a partir de sua subjetividade. E com o passar do tempo e das relações que cada uma foi estabelecendo, esse novo espaço foi constituindo cada criança e cada criança foi constituindo esse espaço/escola, sentindo-se cada vez mais pertencente a esse ambiente.

E agora, como elas se relacionarão com a cidade a partir dessa descoberta de novos espaços?

A ocupação

Uma praça, um dia de sol, um espaço para se estar sem pressa. Aos poucos, as crianças chegavam juntas com seus pais e mães. Algumas pareciam estranhar aquelas pessoas ali, pareciam nos dizer: “O que está acontecendo? Eu só encontro essas pessoas na escola...”.

Pois nesse dia a praça virou escola. Esta turma do G1 é nova na Escola, formou-se no 2º semestre. Fizemos um convite singelo: estarmos juntos, realizarmos um trajeto coletivo e ocupar aquele espaço a partir do olhar das crianças. Habitar um espaço e se reconhecer parte desse novo grupo.

Um trajeto razoavelmente pequeno para adultos, mas que, para crianças de um ano, pode ser um mundo de descobertas. Assim iniciamos nosso percurso, abertos às possibilidades.

Um muro, uma ladeira, um banco para escalar, cachorros brincando, um tronco oco que vira um túnel, troncos para caminhar e novamente uma ladeira. Corpos que ocupavam cada pedaço da praça e que se convidavam mutuamente a se entregar aos convites daquele lugar.

Uma roda de música finalizou nosso encontro. O violão de Kika reuniu todos na cantoria e, na praça, moveu outros interessados, curiosos, foram se juntando à roda ou escutando de longe.

No tempo apressado da cidade, às vezes a gente só precisa de tempo para os encontros.





—

GR

—

—



PROFESSORAS
Juliana Guimarães
Ana Paula Penteriche

AUXILIAR DE GRUPO
Ivani Sousa

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Cidades brincantes

Intervenções urbanas e o imaginário das crianças

Eu acho que a cidade é tipo um retângulo. Catarina

A cidade são todas as ruas e estradas. Francisco

Na cidade tem muitos barulhos. A cidade é barulhenta. Rafael

As crianças do nosso G2 narram e constroem, com linhas, seus pensamentos sobre a cidade que conhecem e as muitas outras possíveis, inventadas.

Num processo vivo e divertido, nos aproximamos cada vez mais do pensamento delas sobre a cidade. Além de nos contarem sobre o que pensam que é uma cidade, elas compartilharam seus incômodos, e, ao mesmo tempo, por meio de diferentes linguagens, vivemos e imaginamos uma cidade brincante.

Irene e Vicente nos comunicam e nos provocam sobre uma cidade com aspectos que não lhes agradam, como códigos não decodificados por eles e poucos espaços construídos intencionalmente para o brincar.

É uma cidade cheia de letras, que chata. Essa cidade é chata porque tem muitas letras e leão. Pra ficar legal, a cidade precisa ter coisas legais. Um café é legal. Irene

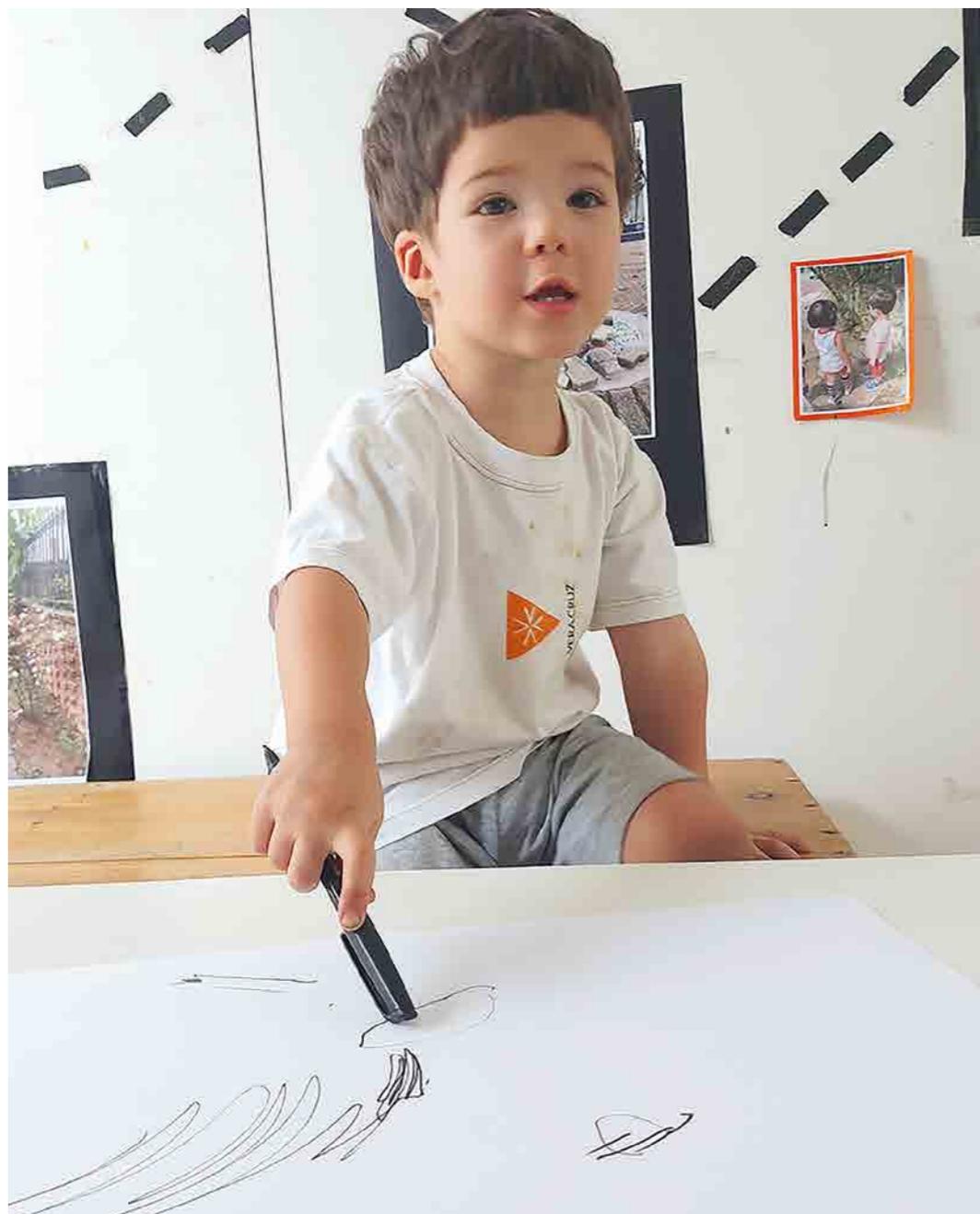
Na cidade, tinha que ter mais parquinho e pula-pula. Andar na rua é chato, só tem um parquinho na cidade, tinha que ter muitos; que coisa chata! Vicente

Compartilhamos seus pensamentos com o grupo e nos questionamos coletivamente sobre **o que a cidade poderia ter para ser mais divertida.**

Se você construísse uma cidade mais divertida, como ela seria?

Pra cidade ser mais divertida, tinha que ter carros de mochila. Ah! Que engraçado! Benjamin





Na cidade, tinha que ter cavalos e pontos de cavalos. Cavalos marrons, brancos e amarelos que chamavam Bárbaros e Ventanias. E aí a gente subia nos cavalos e andava nas ruas que não tinham carros, só cavalos. Tomás

A minha cidade teria um trem cheio de papais. Antonio

Se eu construísse uma cidade, ela seria com cabeça e pés, um corpo. E eu ia morar dentro do sapato, hahaha. “E onde seria a escola?”, perguntamos. Ele pensa um tempinho antes de responder sorrindo: A escola seria no colo. Gabriel

As crianças **narram suas ideias e compartilham suas cidades imaginadas**. Acreditamos que, embora a cidade não seja em muitos aspectos pensada para crianças, ela é habitada por elas de diferentes maneiras, que buscam o tempo todo uma relação brincante com o mundo. Na cidade, as crianças andam pelo meio-fio da calçada, criam padrões para pular faixa de pedestre, dão vida aos objetos, inventam seres e estão sempre fabulando em seus caminhos. Nós, adultos, nos perguntamos como poderíamos **viver esta cidade real de uma forma mais divertida**.

O que torna a cidade divertida a partir do ponto de vista das crianças?

Pensando nisso, saímos pelo entorno da escola à procura de “coisas divertidas”, investigando o que a cidade tem para nos oferecer. Esse caminhar nos possibilitou olhar para a presença das

crianças nas ruas com um corpo poroso, que busca o brincar, o habitar e o imaginar concomitantemente, criando modos de viver a cidade por outras perspectivas.

Eu achei uma coisa muito divertida. Uma montanha! E tem um sol em cima dela. Nuno

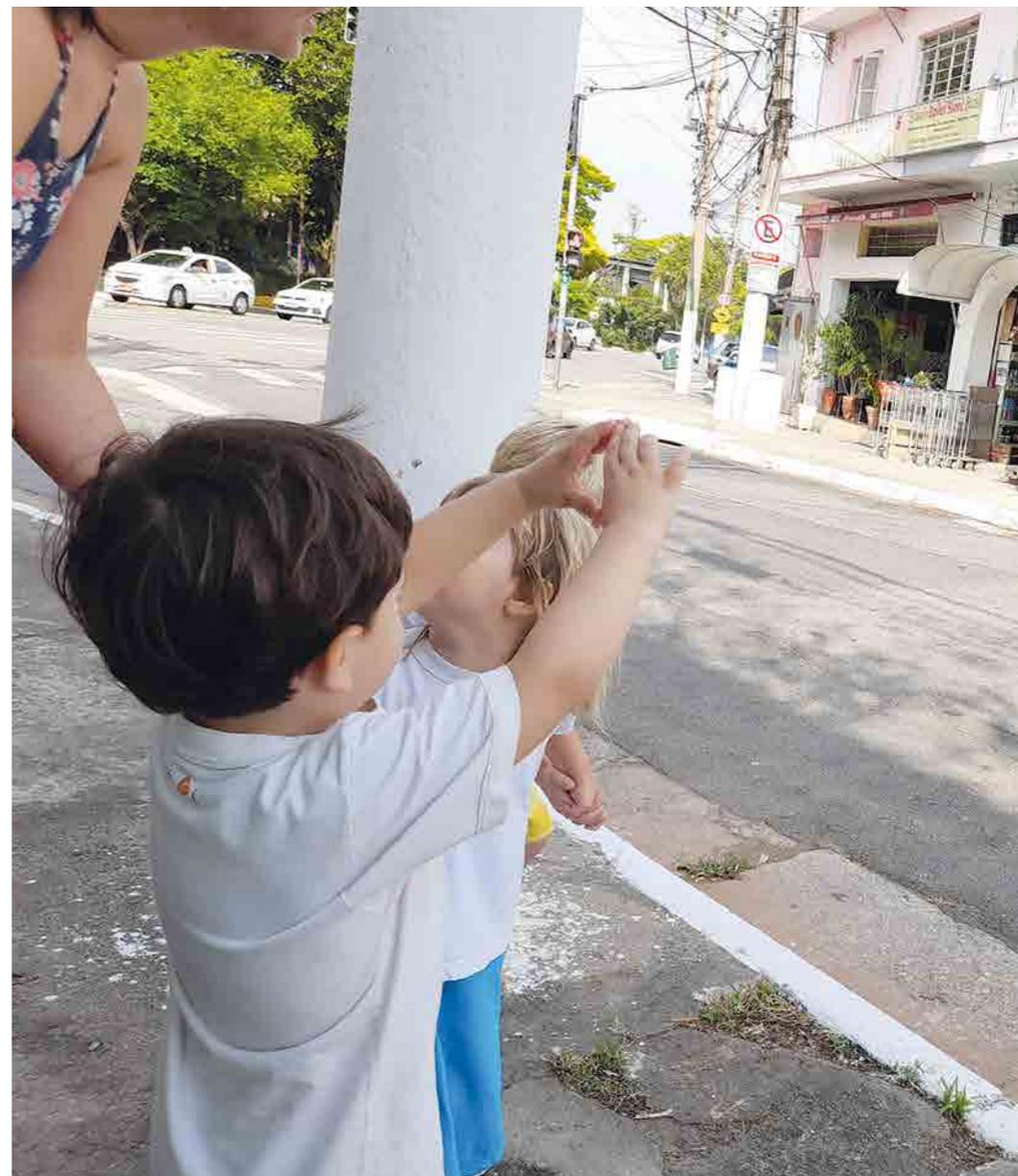
Pode ser uma montanha, uma torre ou um castelo. Pode ser o que a gente quiser. É o meu castelo! Filipa

Com a permanência dos contextos no tempo e espaço do cotidiano, as crianças elaboraram suas ideias, trocaram entre si suas percepções, narrativas e desenhos e aprofundaram nitidamente suas reflexões.

Se a gente passar de carro ou de bicicleta, não dá pra ver nada disso. Francisco

Pra cidade ser divertida, tem que ter muitas crianças brincando. Catarina

Em suas reflexões sobre o olhar, o habitar e o tempo na cidade, Chico e Catarina nos dizem que para além de nossas casas, carros, trabalhos e escola, a cidade deve acolher nossa presença. A presença da infância nas ruas.



Ali, coração! Pedro

A ocupação

No sábado, nos encontramos na Praça Santo Epifânio, que faz parte do projeto Corredor Ecológico do Butantã, para uma manhã de intervenção artística urbana, com a intenção de deixar a cidade mais divertida, como sugeriam as crianças, realizando uma ação de *placemaking*.

A ideia foi pintar dentro das formas que disponibilizamos, com cuidado, construindo coletivamente um espaço brincante e estético, para as pessoas que ocupam e transitam por esse lugar.

Além da contribuição com a nossa ação de *placemaking*, pedimos às famílias a doação de orquídeas sem flor que já tivessem em casa para amarrarmos nas árvores da praça. Cada orquídea carrega o nome das crianças preso à uma plaquinha para que estejam todos representados e sintam-se corresponsáveis por esse projeto lindo que se iniciou há pouco e tem tudo para ser um processo ecológico maravilhoso.







PROFESSORAS
Patrícia R. Martins
Joelma da Fonseca

AUXILIAR DE GRUPO
Valdenice Pereira

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Quais sinais nos ajudam a andar pela cidade?

Essa foi a pergunta central de nossa investigação “A cidade e a criança”. Com ela, pudemos nos aproximar dos pensamentos das crianças a respeito da mobilidade urbana.

Olha, esse [faixa de pedestre] é para a pessoa passar também.

Bernardo

Essa é a minha rua. **Joana**

Minha rua chama Bernarda Luiz. **Cora**

Olha, tem uma placa de bicicleta ali. **Max**

Viver a experiência de passear pela cidade potencializa a construção de sentido de lugar e de pertencimento, além de possibilitar um olhar crítico sobre ela, como a altura das placas e das lixeiras percebida pelas crianças.

Eu não consigo ver. Me carrega? **Benjamin**

Está muito alta [a placa]. **Joaquim**

Nas brincadeiras cotidianas, as crianças alternam os papéis, são pedestres, passageiros, motoristas ou guardas de trânsito.

Dora parou seu carro ao comando de Jonas, enquanto Marilla esperava para atravessar a rua. “Pode passar”, avisou Jonas à colega.

“Parou, parou! Tá vermelho!”, disse Jonas mostrando a placa com semáforo vermelho.

As crianças criam novos signos e aproximam-se do sentido de comunicar intencionalmente uma ideia, partilhando e tornando comum um significado.

“Eu vou fazer a placa da sorveteria!” Após escolher um lugar para sua placa, Joana anunciou: “A sorveteria é aqui, pessoal!”



Ao trazer a experiência vivida na cidade para as brincadeiras na escola, as crianças aos poucos se apropriam dos sentidos socialmente compartilhados das placas e sinalizações.

Mesmo tão pequenas, as crianças já carregam conhecimentos sobre esses sinais e seus usos, possivelmente ao viverem com suas famílias essa relação com a cidade nos deslocamentos cotidianos que fazem de carro, de bicicleta ou mesmo a pé.



A ocupação

Nos encontramos com as famílias na Escola para darmos início a uma caminhada no entorno. A ideia era viver com elas um pouco da relação vivida com as crianças ao longo do processo investigativo de ser pedestre na cidade.

Juntos cruzamos a faixa de pedestre, já conhecida pelas crianças, e seguimos atentos às sinalizações da cidade. As crianças ao longo do caminho foram compartilhando com as famílias algumas vivências de caminhar na rua: esperar o farol de pedestre, atravessar na faixa, andar pela calçada, cuidado com a ciclofaixa e a atenção às placas e sinalizações encontradas pelo caminho.

Já no retorno à Escola, o espaço estava organizado e aguardava a todos para um faz de conta vivido pelas crianças, com carros, sinalizações, oficina e sorveteria. Pudemos, então, viver o faz de conta de cidade, onde crianças eram pedestres e motoristas.







PROFESSORES
Mariah Pissarra
Samuel Oliveira

AUXILIAR DE GRUPO
Ivani Sousa

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

A cidade é bem ali. Bem quando a gente sai da porta. Elena

Com a intenção de investigar como as crianças do nosso grupo se relacionam com a cidade, iniciamos uma série de conversas, nas quais as crianças puderam expressar suas **perguntas e percepções sobre a cidade**.

A partir dessa troca, observamos o desejo delas de habitar a cidade, com os seus colegas e conosco, seus professores.

Durante as caminhadas que fizemos nas ruas próximas à Escola, percebemos que as crianças demonstraram curiosidade pelos “buracos” e imaginavam o que acontecia dentro deles. Suas narrativas nomeavam e davam sentido ao que era **visível e invisível na cidade**.



Francisco, ao encontrar um buraco, o nomeia como a casa do lobo, e, para alguns de seus amigos, era a casa do jacaré.



Aqui é o buraco da formiga. Guilherme



Aqui mora um rinoceronte porque esse buraco é bem grande! Pedro



Aqui é a casa do coelho. Antonia Chasin
O coelho mora aqui dentro. Henrique

Os buracos e as frestas passaram a ser motivo de perguntas e acionaram o imaginário das crianças. Aos poucos, o funcionamento da nossa cidade também foi um assunto trazido e percebido por eles.

Tom: Na cidade, o jacaré mora no esgoto e, na floresta, ele mora na lagoa para comer o pato.

Pedro: No esgoto, moram os bichos que precisam de água.

Antônia Passos: Não, esses buracos são para a água da chuva ir embora!

Pedro: Tem buraco que é para água suja, e esse é para sair água, é diferente!



Mapa do Pedro.

Ao conversarmos sobre o caminho que percorremos, as crianças passaram a nomear as frestas e os buracos que encontravam para se localizarem a partir deles, transformando o que imaginavam em pontos para se referirem à experiência.

Se a gente caminhar aqui, a gente chega na praia! **Tom**



O buraco do lobo é longe da floresta. **Pedro**



Aqui é a casa das formigas! **Mira**



O muro do piu-piu fica ali! **Martim**
Eu vou fazer o passarinho que o Tim Tim viu. **Elena**



Eu vou fazer a montanha. A gente subiu na montanha para escorregar. **Antônia Passos**



Essa é a toca do coelho. **Henrique**



A partir disso, convidamos as crianças a representarem pela linguagem gráfica os bichos e os buracos que haviam encontrado.

O buraco do lobo fica perto do pipoqueiro. Francisco

Utilizamos também a linguagem digital para revisitar o nosso percurso, e juntos reconhecemos os buracos e frestas de nosso caminho como localizadores para caminharmos pela cidade.

Convidamos vocês a percorrermos o caminho que fizemos e a olharem a cidade pelos olhos curiosos de nossas crianças.



A ocupação

Em nossa experiência pela cidade, saímos em busca de “frestas visíveis e invisíveis”, um convite para brincar com o real e o imaginário, algo tão presente na relação das crianças com o mundo que as cerca.

Partimos da nossa escola rumo à Praça Vicentina de Carvalho. No trajeto, enquanto caminhávamos, as crianças muito bem apropriadas do que faziam, partilhavam com seus familiares suas hipóteses sobre quem morava nos buracos encontrados. Cada característica determinava um bicho morador para o lugar.

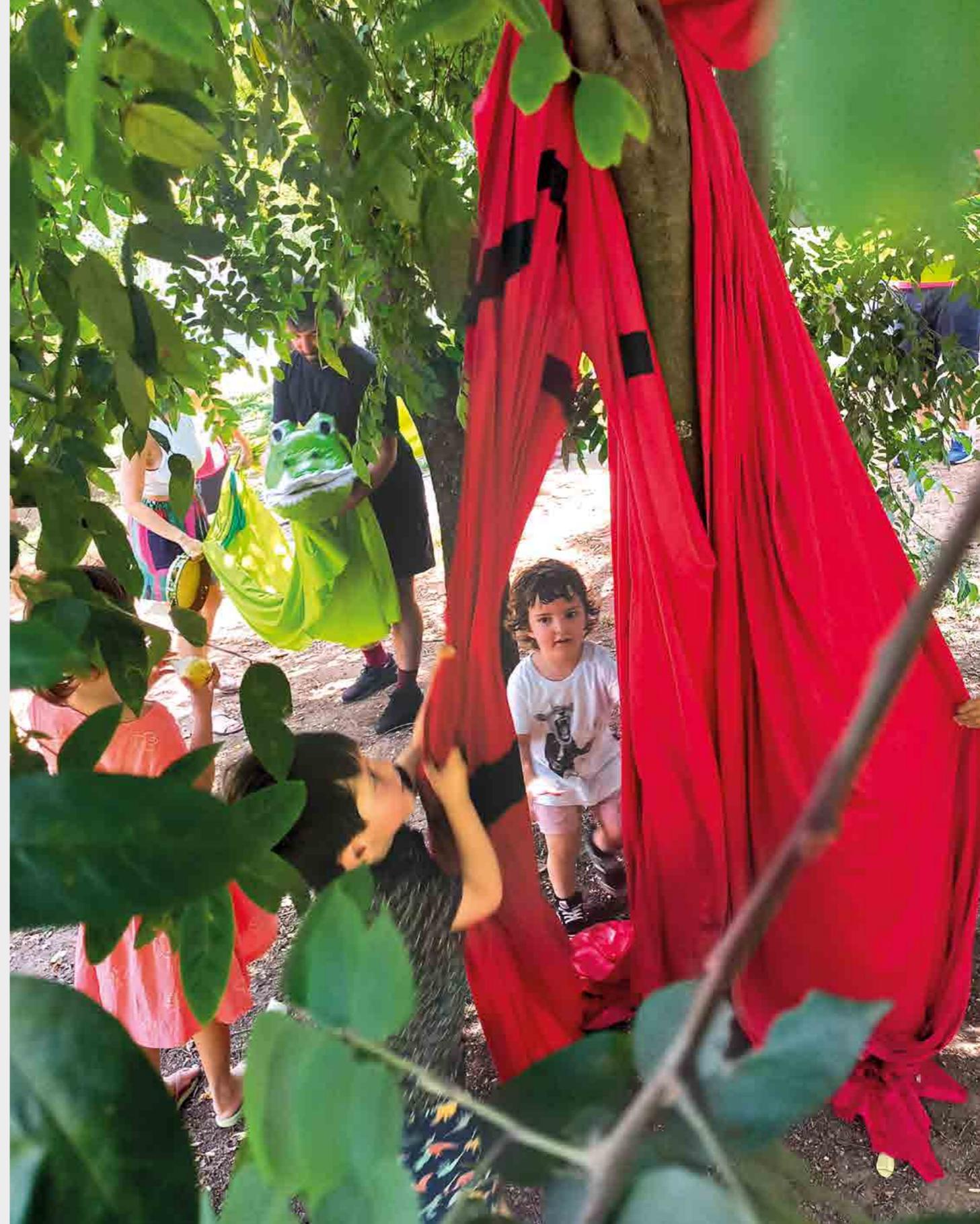
Ao notarem as tocas ou casas de bichos, diziam: “Encontrei uma casa de lobo!”; “Essa é a toca do coelho”.

Habitar a cidade é lidar com os imprevistos que nela acontecem.

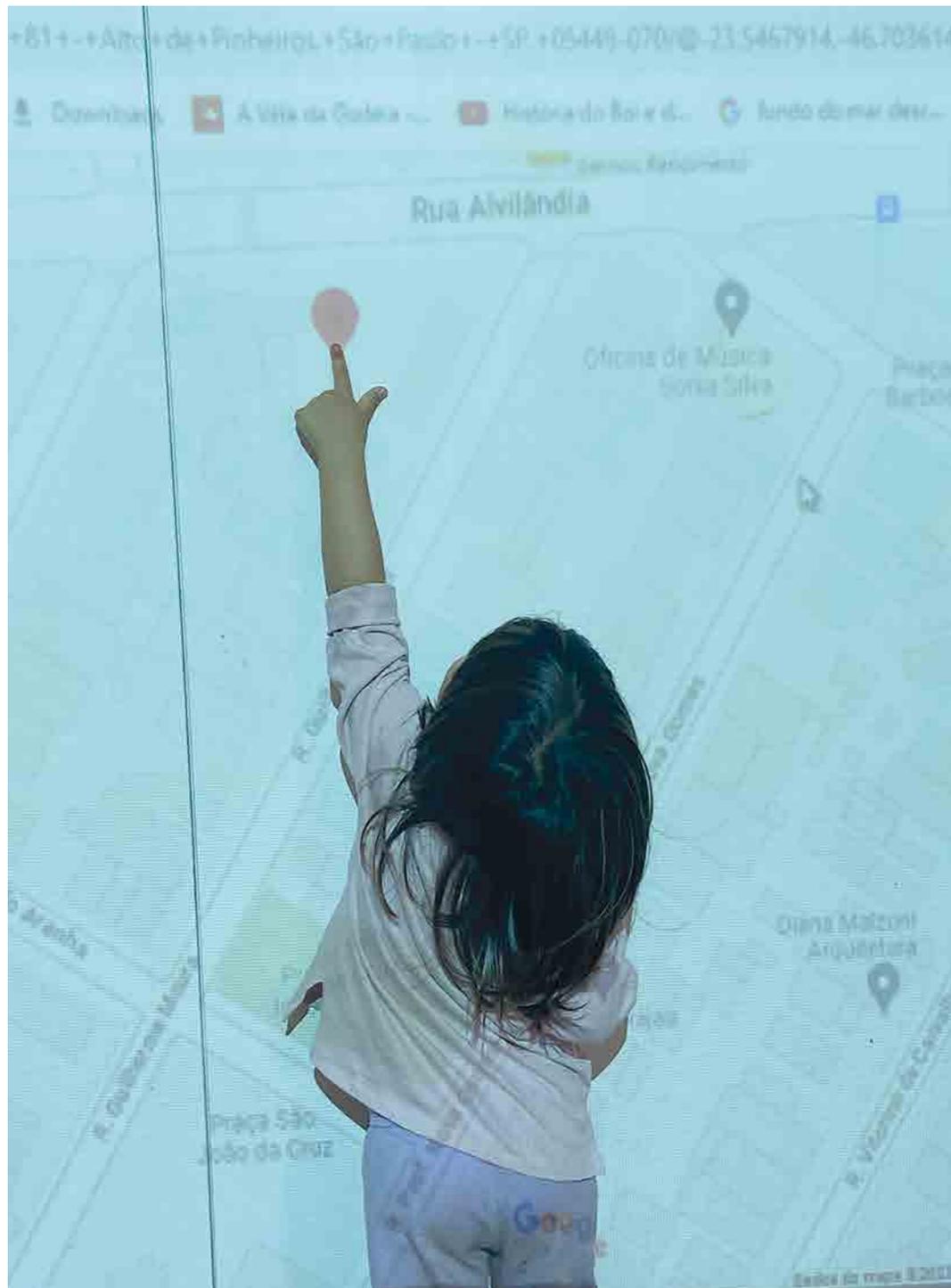
Ao passarmos pelo “caminho da praia”, nome dado pelas crianças a uma das ruas que compõe o trajeto, deparamos com um grande cachorro que estava a passear, mas para elas logo ele se tornou o lobo que morava num dos buracos visto havia pouco tempo.

Na praça, encontramos Pri e os bichos que moram em nossa escola, lá brincamos juntos e dançamos.

Habitar a cidade pelo olhar das crianças nos convida a um mergulho no imaginário!







Mapas e caminhos da cidade

O que as crianças percebem em seu trajeto de casa até a escola? Como fazem esse caminho? O que lhes chama atenção?

Essas foram algumas perguntas que fizemos com a intenção de nos aproximarmos dos pensamentos delas sobre como vivem a cidade.

Vou desenhar a parede da escola azul.

Vou fazer uma bola com as coisas dentro. É a minha casa, uma bola, parece um tatu-bola.

PROFESSORAS
Mariana Franco
Tânia Schandert

AUXILIAR DE GRUPO
Valdenice Pereira

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Mais uma ponta, uma barraca, porque meu irmão vai para um acampamento.

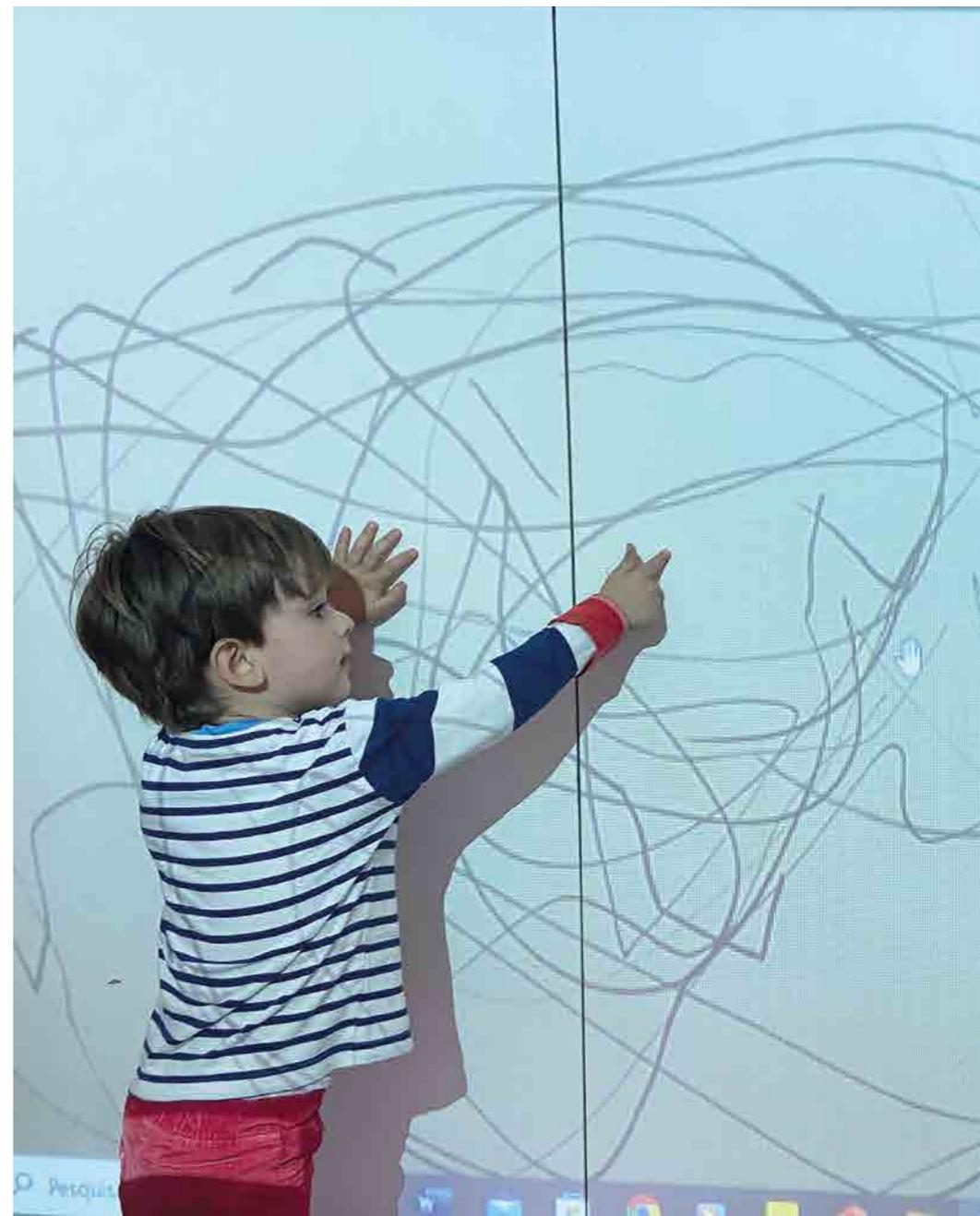
No caminho, eu vejo uma barraquinha de comprar algumas coisas. Não é de crianças.

Flora começa a desenhar seu **caminho** a partir da parede da escola. Para isso, ela revela uma **característica** importante da **arquitetura** da Escola, nosso muro azul. Apesar de termos lhe pedido para desenhar o caminho de sua casa para a escola, ela inicia seu desenho saindo da escola, lugar onde ela se encontrava no momento. Usa sua **localização** para pensar no caminho.

Conforme desenha, descobre formas que aos poucos também modificam sua narrativa, o traço para fazer a casa parece um tatu-bola, o que a leva a estabelecer essa relação. A cada traço, uma lembrança, como a do acampamento do irmão.

A linguagem gráfica foi uma das linguagens oferecidas para as crianças expressarem seus pensamentos e ideias acerca dos caminhos que trilham na cidade. Nos desenhos, encontramos elementos representativos dos afetos e conexões que estabelecem nessa relação, como a cor de um determinado lugar, estabelecimento específico, lembrança de algo que viveram: signos e símbolos.

A partir dessa experiência, apresentamos o mapa como uma outra representação gráfica, com seus símbolos e signos compartilhados socialmente.





Os primeiros mapas foram do entorno de nossa escola, um contato inicial que gerou perguntas, hipóteses, debates e trocas sobre essa forma de representar a cidade e seus caminhos.

Os símbolos desconhecidos provocaram os pensamentos das crianças, em busca de um sentido para o que eles representam e sua função comunicativa:

Pedro: *É um carrinho de pipoca.*

Flora: *Eu acho que é um carrinho de bebê.*

Betania: *Parece um carrinho de sorvete.*

Maria: *É... um carrinho de sorvete de chocolate.*

Martim: *É um carrinho de compras que eu faço no mercado.*

Na busca por respostas, os afetos e memórias são traduzidos em hipóteses.

O mapa transforma-se no convite para conhecermos o entorno da escola. A partir da leitura dele, definimos o percurso por meio de conversas sobre aquilo que elas já conhecem, sobre o instrumento e, também, sobre suas ideias e hipóteses.

Os símbolos e as cores guiaram as escolhas de trajetórias.

“Vamos até essa caminha rosa?”, — pedem Maria e Lina ao se reencontrarem com o símbolo de hospedagem.

E esse pedaço verde? O que será que é?

São árvores!

É uma floresta na cidade!

“Vamos até a minha casa! Eua cho que é por aqui”, — muitas crianças sugeriram novamente a relação com o trajeto casa-escola para a leitura do mapa.

O passeio trouxe vida ao mapa!

Poder experimentar com todos os sentidos a complexidade da vida na cidade e reconhecer alguns elementos encontrados no mapa, como o ponto de onibus, as árvores, as ruas e cruzamentos, possibilitou conexões e novos olhares para essa representação gráfica.

O caminhar permitiu novas descobertas, experiências e encontros na relação com a cidade. Entrar em contato com os mapas proporcionou às crianças um olhar mais atento aos símbolos e placas que encontraram e, assim, muitas ideias sobre o que eles comunicam.

Tem umas pegadas.

Será que é de lobo?





É de cachorro, para o cachorro pisar.

É porque não pode pisar.

Ao avistarem o ponto de táxi, as crianças começam outra conversa:

Tem um carro!

*É um táxi que eu vou no aeroporto. **Martim***

Assim, outros conceitos, como distâncias, proporções, tempo de deslocamento e direção, foram experienciados nessa trajetória compartilhada.



A ocupação

Com o olhar curioso e atento, as crianças e famílias deste grupo fizeram o percurso da Escola até a Praça Vicentina de Carvalho, tendo em mãos um mapa do entorno da nossa escola.

Muito pertencentes ao trajeto, se relacionaram com os mapas, localizando elementos já conhecidos: casas, árvores, objetos e animais. Foi uma alegria para as crianças reencontrarem e apresentarem para seus familiares Otto, o jabuti, que mora numa das casas do trajeto.

Também encontramos uma mangueira em uma das calçadas, que rapidamente pelo olhar das crianças virou um brinquedo de equilibrar-se.

Caminhar por um mesmo trajeto com frequência nos oferece a oportunidade de observá-lo muitas vezes e sempre descobrir algo novo. Inventar, conhecer, reconhecer, criar e aprofundar relações.





3



PROFESSORAS
Karina Crespo
Tatiana B. Vieira

AUXILIAR DE GRUPO
Deise Bernardo

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Sílvia Macul

Para ser cidade, tem que ter pessoas

“As cidades devem propiciar boas condições para que as pessoas caminhem, parem, sentem-se, olhem, ouçam e falem. Uma boa cidade é como uma boa festa, os convidados ficam porque estão se divertindo.” Jan Gehl, *Cidades para pessoas*

Ao nos encontrarmos com Leo (Leônidas, guarda da rua) e Lu (dona da banca de revista) e outras tantas pessoas que compartilharam seu tempo e suas histórias conosco, em seus espaços de vivência, nosso grupo viveu a cidade.

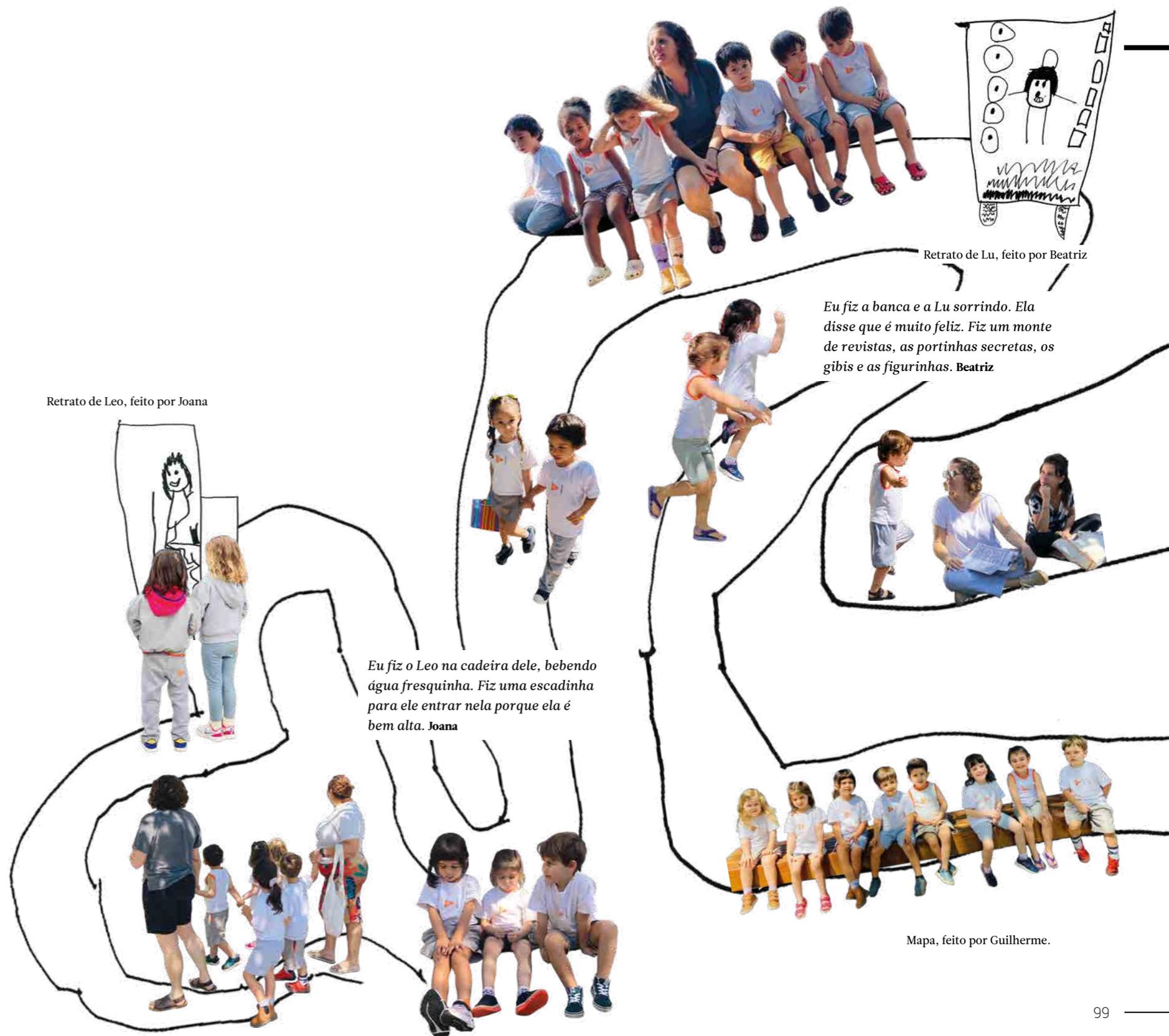
O ritmo da caminhada ditou o ritmo dos encontros. E, assim, criaram **paisagens para conversas**: ao redor da horta de Leo, nos degraus das calçadas, nos bancos das praças, na porta da Escola, dentro da banca de revistas. Experimentaram no corpo a cidade.

Os retratos e as biografias produzidos pelas crianças estreitaram ainda mais as relações com as pessoas.

Do autorretrato, vivido no 1º semestre pelo grupo, com foco na identidade e na possibilidade de fortalecimento dos vínculos entre as crianças, caminhamos para o processo de criação dos **retratos** de pessoas que encontramos no entorno da nossa escola.

Provocamos as crianças a desenharem Leo e Lu por meio de retratos. As crianças registraram, com rigor, as silhuetas dos rostos, as posturas e gestos, e ainda expressaram seus afetos, como o cabelo espetado de Leo, o sorriso largo de Lu e a porta secreta da banca de revista.

No início dos processos de criação, sempre havia um certo constrangimento, tanto das crianças, quanto das pessoas retratadas. Mas à medida que as crianças compartilhavam suas produções tão sensíveis e, em troca, recebiam sorrisos e elogios, surgia mais proximidade entre elas.



Retrato de Lu, feito por Beatriz

Eu fiz a banca e a Lu sorrindo. Ela disse que é muito feliz. Fiz um monte de revistas, as portinhas secretas, os gibis e as figurinhas. Beatriz

Retrato de Leo, feito por Joana

Eu fiz o Leo na cadeira dele, bebendo água fresquinha. Fiz uma escadinha para ele entrar nela porque ela é bem alta. Joana

Mapa, feito por Guilherme.



Vamos escrever um texto sobre o Leo e a Lu para que as pessoas possam conhecê-los?

Ao criarem **biografias**, as crianças tiveram que negociar e escolher coletivamente os principais acontecimentos e curiosidades da vida dessas pessoas. Ao relerem diversas vezes os textos produzidos, puderam refletir sobre a comunicabilidade deles, a organização espacial e a identificação de letras, bem como puderam se aproximaram da função social e características de um texto biográfico.

Quer saber a história das portas secretas na banca da Lu, ou sobre o que o Leo mais gosta de fazer na cidade? Acesse o QR code:



<https://veracruz.ink/3SfKh1B>



A ocupação

As famílias chegaram cedo, cada uma trazendo uma cadeira de praia e um lanche para ser partilhado no piquenique, lanches deliciosos que foram arrumados lindamente em uma toalha xadrez vermelha no chão.

As crianças se encontravam entre elas (iam de sorrisos envergonhados a abraços exagerados), e as famílias se cumprimentavam, no aguardo ansioso da proposta.

Esperamos uns 15 minutos, pedimos para se ajeitarem nas cadeiras ou esteiras de palha organizadas em roda e começamos.

Fizemos uma breve introdução do Museu da Pessoa e do trabalho “A cidade só existe porque tem pessoas”, seguida de uma história narrada por Débora (do próprio Museu) — a história de um senhor que tinha como animal de estimação um pinguim. Entre risadas e surpresas, famílias e crianças se conectavam à história de vida daquele homem que, anos atrás, no bairro do Cambuci, tinha mesmo um pinguim de estimação, que andava de coleira pelas ruas, dormia em um balde com água que ficava no quintal e pedia para abrir a geladeira quando estava com fome. História maravilhosa, acertada para aquele momento! E crianças e adultos adoraram ouvi-la.

Depois, entre um lanchinho e outro (tinha até sorvete de palito que refrescava a todos naquele dia de calor), as crianças e as famílias se ajeitaram em pequenas rodas, organizadas previamente, e cada criança contou uma parte de sua história de vida, entre novas e inusitadas risadas, para um pequeno público interessado. Os espectadores faziam perguntas, e as crianças respondiam, orgulhosas em partilhar suas histórias.

Como o próprio Museu da Pessoa diz: ouvir histórias de vida nos transforma como sujeitos! E foi isso que vivemos, entre muitas histórias e risadas, a partilha de aventuras.

Para terminar, cada criança fez um desenho das histórias contadas pelas outras, e eles ficaram ali, expostos em um varal na praça, perto dos sorvetes e guloseimas.





Desenho feito por Inácio.



Como as frutas chegam até sua casa?

Percursos na cidade

Desde o semestre passado, quando estudamos “o tempo de amadurecimento das frutas”, as crianças compartilharam algumas hipóteses, sustentadas em suas vivências, de que as comidas vêm do mercado. Morar na cidade significa ter tudo sempre muito pronto. Mas de onde vêm os produtos que consumimos? **O que acontece até chegar ao mercado?** Sabemos que existe um complexo **sistema de abastecimento** com muitas etapas até chegar nas casas.

PROFESSORAS
Mariana Isnard
Denise dos Reis (Teca)

AUXILIAR DE GRUPO
Rosa Gonçalves

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Silvia Macul

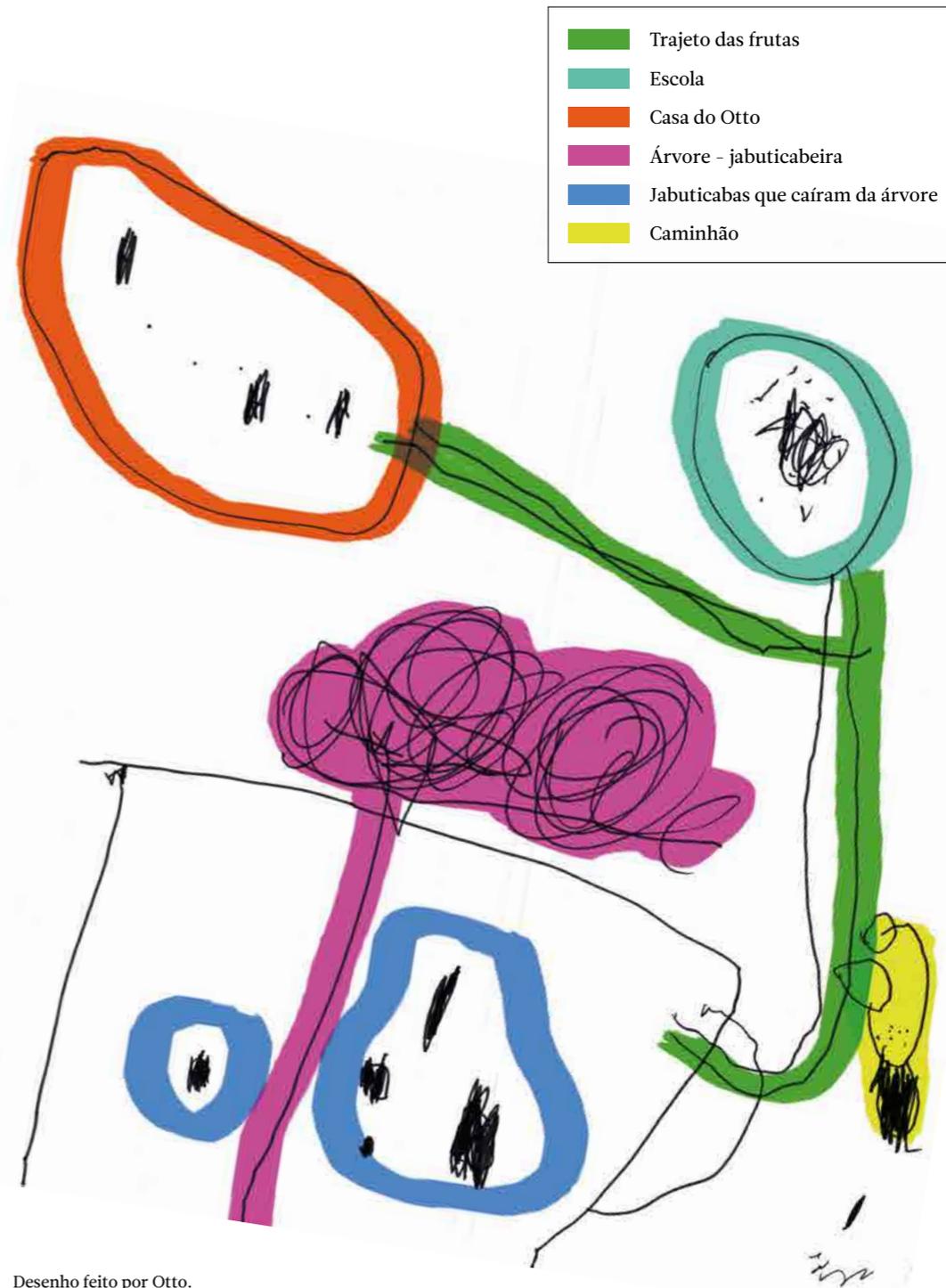
Quais seriam os percursos das frutas?

Primeiras hipóteses:

*Tem um moço que tem um caminhão e, sempre que eu passo na frente desse caminhão, ele me dá alguma frutinha. Fica na frente da esquina da minha casa. Ele fica parado em frente a algumas plantas. Eu moro em um prédio. **Ele comprou a fruta no mercado, colocou no caminhão para vender. O sacolão é o mercado [em] que ele compra as frutas. Ele pede para o caminhão do mercado dar a comida para o sacolão. Tem uma pilha de frutas do caminhão que vende as fruta no sacolão. Do clube fruteiro do caminhão. Um clube de frutas. Inácio***
(Ver desenho da página 106.)

*As frutas nascem de uma sementinha! **O caminhão leva as frutas até a casa e até a nossa escola.** Os moços e as moças que dirigem o caminhão pegam as frutas e colocam na caçamba do caminhão para levar até a gente. **Otto***
(Ver desenho da página 109.)

A partir da linguagem do desenho, as crianças pensaram sobre o sistema de abastecimento das frutas e **levantaram hipóteses**. Focaram os caminhos: trajetos longos, curtos, sinuosos, retos etc., pensando também na **ocupação espacial dos elementos no papel e suas escalas**.



Desenho feito por Otto.

Conversa entre professora e Erick

Professora: Como a fruta chega até sua casa?

Do mercado, comprando. Minha mãe e meu pai compram lá no mercado.

Professora: Como a fruta chegou ao mercado?

Vem da caixa. A uva vem da parreira.

Professora: O que é uma parreira?

Não sei... um pé de uva. A maçã vem da “maçãzeira”, a banana vem da bananeira e a goiaba da goiabeira. E a manga da mangueira.

Professora: E como elas vão parar no mercado?

Eu não sei, acho que vem dentro de uma caixa grandona.

Professora: Quem coloca ela na caixa?

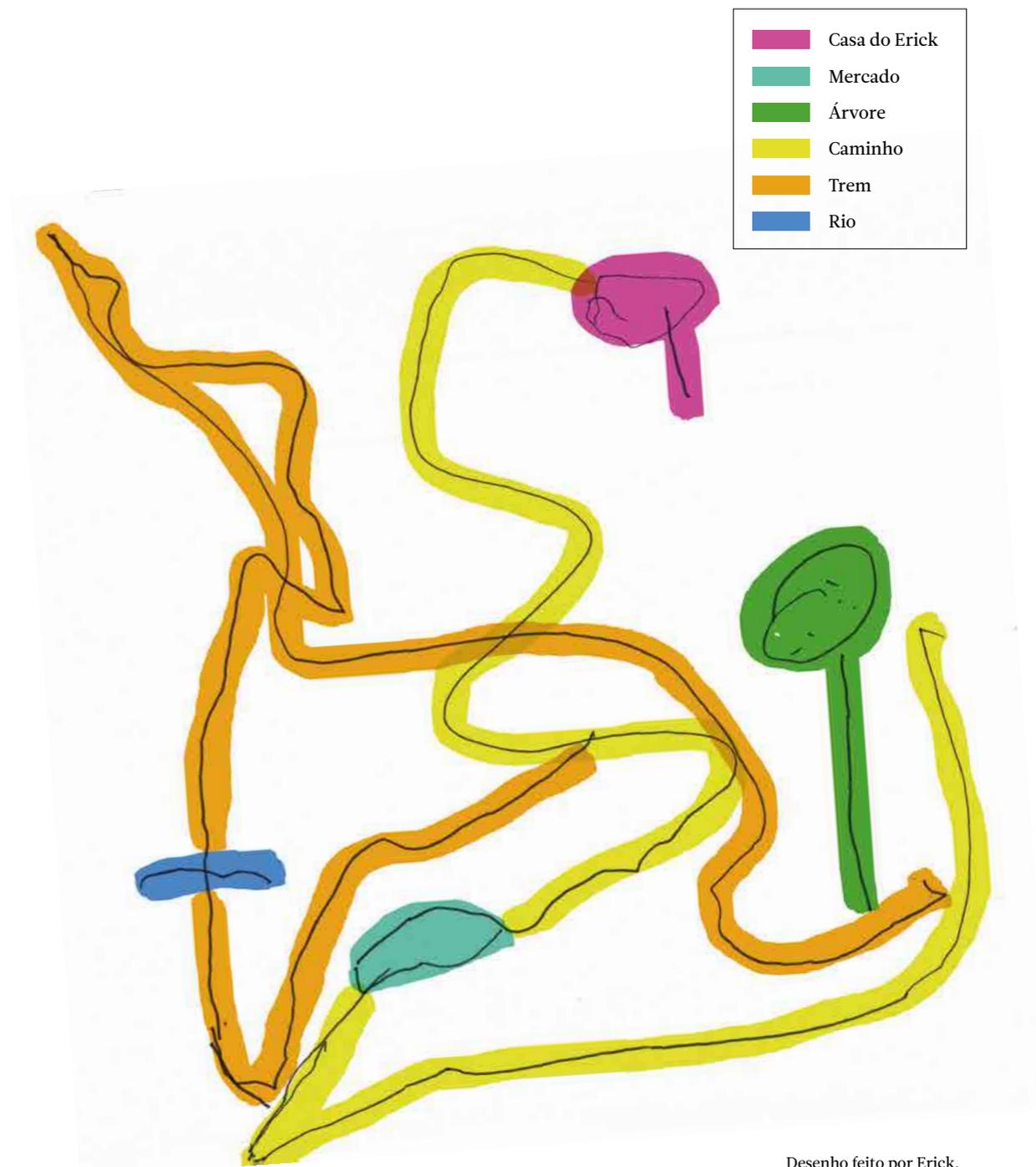
Eu acho que os homens cortam as árvores, e as frutas caem. Aí, o homem coloca as frutas dentro da caixa e leva para o mercado.

Professora: Onde ficam essas árvores?

Na floresta. Acho que fica bem longe do mercado.

Professora: Como a caixa vai da árvore até o mercado?

Acho que vem de trem. Um trem de frutas. Por baixo dessa ponte passa um rio. Embaixo do trem.



Do individual para o coletivo

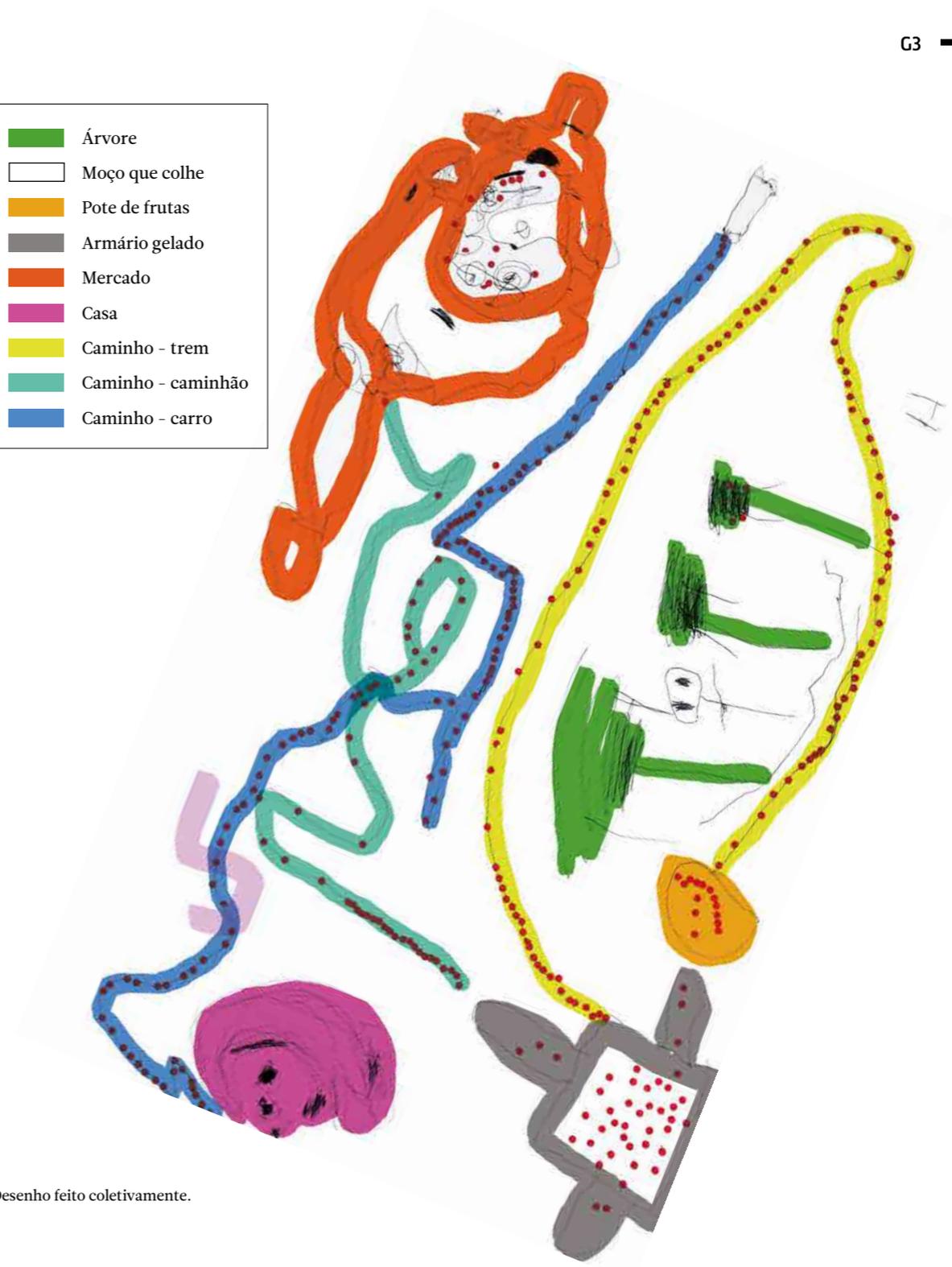
Entrar em contato com as ideias dos outros possibilitou embates de pontos de vista. Os pensamentos individuais, registrados e organizados anteriormente, sustentaram as discussões. “No meu desenho eu coloquei que o trem leva a fruta até o mercado...”

Nesse momento do projeto, a representação gráfica, que se iniciou como produção individual, pôde ser discutida e comparada com outros diversos desenhos. Em um tempo breve, as hipóteses pessoais se tornaram produto cultural do grupo.

Posteriormente, as crianças foram convidadas a desenharem coletivamente, em pequenos grupos, um caminho comum, e as ideias individuais tiveram que ser reelaboradas no coletivo. Os desenhos foram se complementando na ocupação espacial de um papel maior, e as crianças tiveram que entrar em acordos.

Desde o início, ter uma **pergunta muito objetiva** ajudou as crianças. Nessa primeira etapa da investigação, olhar para a cidade por outra perspectiva (a do trajeto das frutas), apresentar ideias individuais e discuti-las em grupo trouxe a **complexidade das redes nas quais estamos inseridos na cidade**, e, assim, as crianças puderam **ampliar a percepção sobre o ambiente urbano**.

- Árvore
- Moço que colhe
- Pote de frutas
- Armário gelado
- Mercado
- Casa
- Caminho - trem
- Caminho - caminhão
- Caminho - carro



Desenho feito coletivamente.

Erick: *Eu vou fazer as árvores, de onde as frutas vieram. Essa é a cesta [em] que o moço colhe e coloca a fruta.*

Maya: *Eu vou fazer o armário. As frutas vão da árvore para o armário.*

Erick: *Elas ficam na geladeira.*

Maya: *Não é gelado. Tem fechadura na porta.*

Erick: *Mas eu acho que a fruta precisa ficar em um lugar gelado antes de ir para o mercado.*

Maya: *Tá. O armário pode ser gelado... para não estragar. Nenhum armário é gelado, mas esse pode ser.*

Professora: *E como elas vão até o armário?*

Helena Mendes: *Elas vão de caminhão.*

Erick: *As minhas maçãs vão de trem.*

Professora: *Mas essas não são suas maçãs, são nossas.*

Helena Mendes: *Pode ser de trem.*

Erick: *É porque do lado das árvores tem uma estação de trem.*

Professora: *E do armário até o mercado?*

Helena Mendes: *De caminhão.*

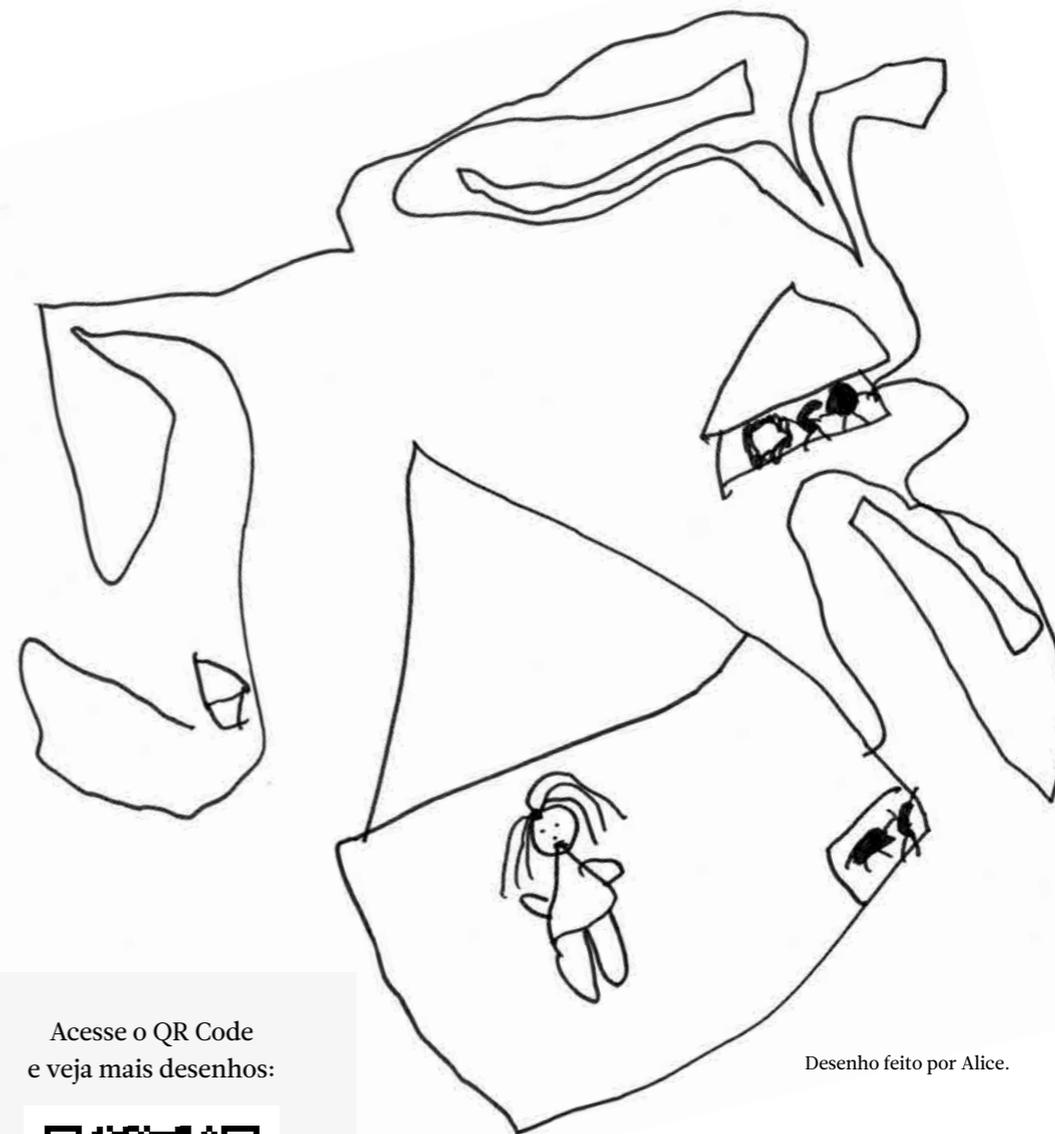
Maya: *É, de caminhão.*

Erick: *Tudo bem.*

Helena Mendes: *É muito longe.*

Professora: *E do mercado até a casa?*

Bia: *De carro.*



Desenho feito por Alice.

Acesse o QR Code e veja mais desenhos:



<https://veracruz.ink/46KbA8y>

A ocupação

Um início de tarde ensolarada e quente encontra brisa e aconchego embaixo de uma árvore frondosa na Praça Boaçava.

As frutas presentes nos lembram das perguntas desse grupo — Como as frutas chegam a nossas casas? Como as frutas chegam à escola? — e dão o tom do que nos aguardava para esse encontro. Doçura, textura, troca, suculência e aprendizados. Uma deliciosa e focada roda de conversa com a presença ilustre de Moisés, fruteiro que tem um ponto na cidade para a venda de frutas que ele compra no Ceasa ou traz da plantação de sua família de origem, no Espírito Santo.

Crianças, mães e pais ficam curiosos sobre a plantação de abacaxis que Moisés relata com tanto afeto e conhecimento por ser parte fundante de sua vida — cresceu dentre os “abacaxis”. Ele nos conta das durezas e desafios da vida, mas também da beleza dessas bromélias, que precisam de cuidado e adoçam a nossas bocas. Uma linda escuta e troca se dá!

Um piquenique gostoso convida todos ao encontro, conversas e bate-papos que, dentre tantos assuntos, giram em torno do encantamento dos adultos pela potência, foco e atenção das crianças, que, mesmo tão pequenas, desejam aprender o mundo.

A oportunidade de entrar em um caminhão de fruta, explorar as caixas, sentir os cheiros, conhecer as organizações necessárias para o fluxo de compras e vendas das frutas é muito encantadora.

Moisés também se emociona com a experiência de participar de uma roda de conversa com crianças, viver o lugar de educador, contribuir: “Foi muito importante para mim, eu me vi no lugar de quem tem o que ensinar pela minha experiência de vida. Também tenho um filho de 3 anos!”.

Seguimos assim, buscando dar visibilidade aos caminhos das frutas em nossa cidade e a pessoas que fazem tudo isso acontecer. Obrigada Moisés, crianças e familiares pela troca de experiências e aprendizagens desse dia!



PROFESSORAS
Simone Aiex
Keyla Ferreira Soares

AUXILIAR DE GRUPO
Deise Bernardo

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Sílvia Macul

Pequenos caminhantes

*Como seria uma cidade para
crianças pedestres?*

Eu não sou tanto tempo pedestre. Às vezes, eu sou, e outras, não! Eu ando mais de carro. Teca

Ao caminharmos por trajetos próximos à nossa escola, iniciamos uma investigação sobre o que é ser pedestre em nossa cidade.

É muito diferente ser criança pedestre. A **criança é um pedestre único** que, quando se desloca, também desloca a cidade com sua

*A cidade vive, e a gente
vive andando na cidade.*

Esther



Mia: Tem calçada muito pequena, não dá pra caminhar junto!

Professoras: Será que todo mundo consegue passar aqui, nesta calçada?



presença, percepções, olhares, brincadeiras, enfim, com as relações que constrói com esse espaço coletivo.

Tudo chama sua atenção, o som dos passarinhos, as miudezas, as sinalizações, os buracos, os muros com suas diferentes texturas, as flores e cores da cidade.

Brincar, imaginar, ocupar a cidade e vivenciar a experiência de ser pedestre em um tempo alargado. Andar, mapear os caminhos, conversar sobre o que encontram, descobrir “tesouros” e **deparar com questões relevantes: os problemas de mobilidade, o estado de conservação, o tamanho das calçadas e os lixos encontrados pelo caminho.**

Por meio de problematizações feitas por nós, professoras, e um olhar cada vez mais atento e curioso, as crianças se conectaram com a cidade e com os caminhos explorados a pé.

Vocês já viram um coração na calçada de nossa cidade?

Já passaram por uma calçada que faz música?

E encontraram um muro com um pé de feijão plantado onde mora um gigante?

O que é uma boa cidade para caminhar?

Essa pergunta norteia nossa investigação, já que a intenção é que as crianças caminhem e ocupem a cidade. Enquanto caminha, a criança mapeia e reflete sobre ocupação, urbanismo, espaços. Ao viverem a experiência de serem pedestres, expressam suas ideias e percepções sobre os trajetos percorridos e dialogam com os signos da cidade, as placas de sinalização, as faixas de pedestre, os semáforos para carros e pessoas, as ciclofaixas etc.

Caminhar se transforma em uma possibilidade de refletir criticamente a cidade.

Por que não tem espaço para o pedestre? As calçadas têm buracos e não conseguimos caminhar.

Todos conseguem caminhar por aqui?

A cidade foi feita para todos?

São Paulo é linda e tem um monte de coisas. As ruas são só um pouco para as pessoas. Peps

Na minha rua, tem uns carros que são educados e outros, não. Tito

A cidade é metade rua e outra metade rua. As ruas são diferentes. Teca

As calçadas com flores são perfeitas para caminhar e brincar. Bel

Aqui, a gente pode cair, tem essa escada no caminho! Lorenzo

Perceber, vivenciar, ocupar e criar: composição com desenho e construção

Após percorrerem alguns trajetos, no Ateliê **as crianças são convidadas a imaginarem e criarem uma cidade para pedestres, com diversos materiais.**

Tiras de papel e papelão, blocos pequenos e grandes, bonecos, carros, canetinhas, materiais com qualidades diferentes que poderiam ser agrupados conforme a imaginação. Organizamos as crianças em grupo para que fizessem algumas escolhas e entrassem em acordos para a criação de uma **composição comum**. Durante a brincadeira com os bonecos pedestres, **incentivamos as crianças a argumentarem as escolhas, sem perder de vista as fabulações e algumas “soluções mágicas”**, como, por exemplo, pula-pulas na cidade para pedestres. **Realmente seria incrível termos pula-pulas nas calçadas!** Durante a brincadeira, verificaram também aspectos funcionais, criaram passagens onde não havia espaços para caminhantes, somente para os carros, e tiveram que repensá-las.

A ocupação

O ponto de encontro foi a Praça Manuel de Melo Pimenta. Com tudo organizado, aguardávamos a chegada das famílias (mapas dispostos no chão, pranchetas em uma mesa junto com envelopes e canetas). Em uma mistura de vento, que desarrumava uma parte dos papéis, e muito calor, começamos a viver esse dia tão aguardado pelas crianças. Em roda, já sabiam tudo que ia acontecer e falavam sem titubear para onde iam e o que provavelmente observariam. “Eu vou pelo trajeto 2, e eu já sei que vai ter uma rua com tijolos diferentes no chão!”

Em uma roda, compartilhamos algumas ideias das crianças sobre “**O que é ser pedestre na cidade**”, suas maravilhas e entraves: “Não tem calçada pra passar direito”; “Como fazem as pessoas para atravessar a rua quando não tem faixa?”. E convidamos as famílias a viverem, elas também, um trajeto pensado. Com o mapa e prancheta nas mãos, um andar descompromissado e lento, que observa tudo, andamos e vimos coisas diferentes, desenhamos, brincamos, conhecemos mais da cidade e, claro, tomamos muita água.

Na volta, reconstruímos o passeio com as fotos e os desenhos que tínhamos feito — adultos e crianças se ajudavam a pensar na ordem dos acontecimentos e na localização espacial de tudo que tínhamos observado ao longo do trajeto, organizando tudo aquilo no mapa.







PROFESSORAS
Vanessa Almeida
Daniela Morita Nobre

AUXILIAR DE GRUPO
Rosa Gonçalves

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Sílvia Macul

Para onde foram as abelhas? *Olhar a cidade pelas perspectivas das abelhas*

Certo dia, as crianças depararam com uma casinha vazia no coqueiro da escola: “Para onde foram as abelhas?”. Vimos aí um bom caminho para investigar a cidade. Como seria **estudar a cidade por uma outra perspectiva**, a das abelhas? O que precisaria ser transformado para que as abelhas vivam bem na cidade?

Como pensar em **uma cidade para todos os seres?**

As abelhas fizeram um caminho que não é o nosso caminho. Acho que elas querem morar em uma cidade que não é a nossa.

Emma

O coqueiro e o caminho que a abelha fez para encontrar a flor e fazer o mel.

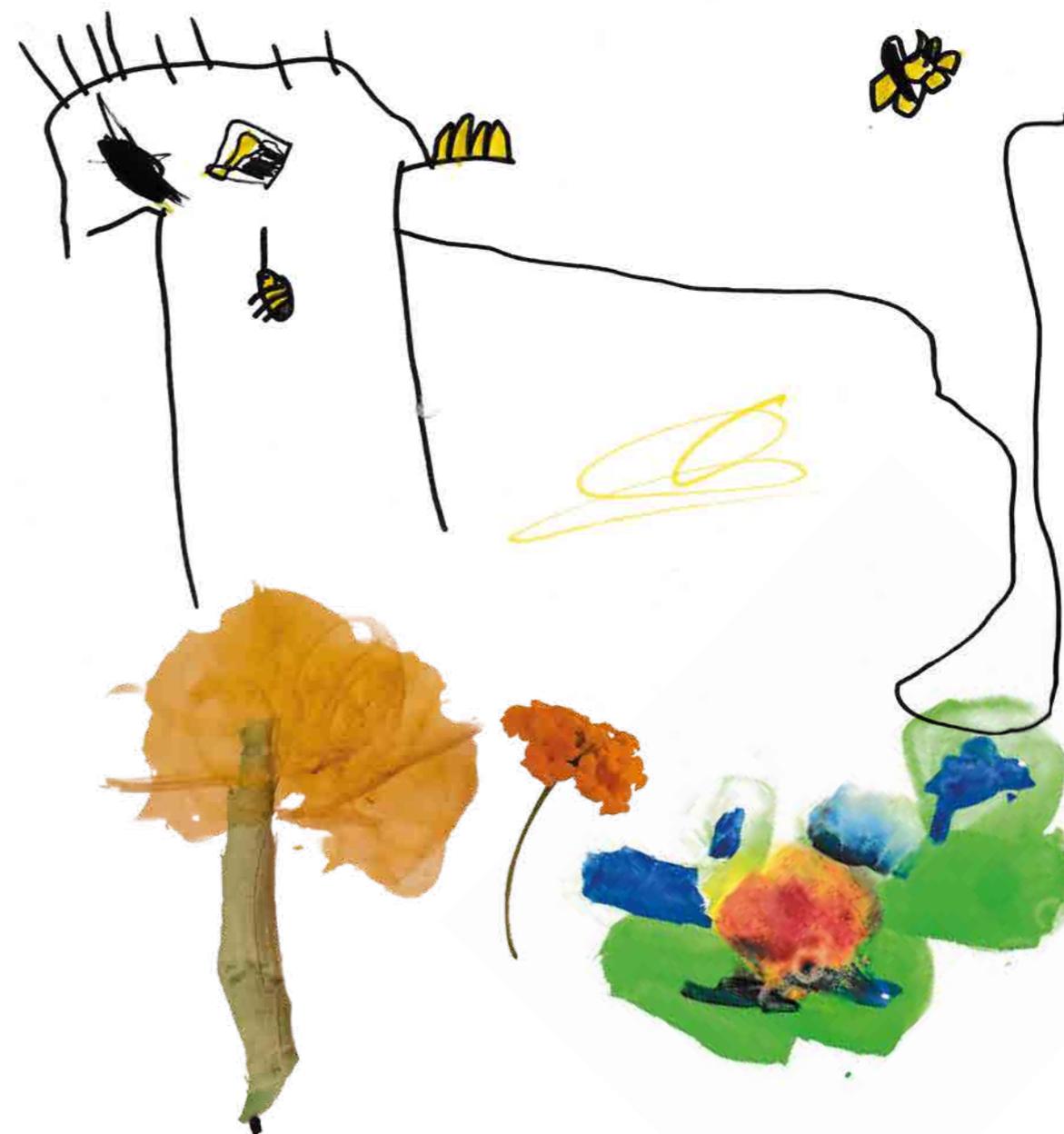
Ao percorrerem trajetos possíveis das abelhas, as crianças descobriram pequenos buracos e passagens, flores que as abelhas apreciam, pequenas pegadas, trilhas no chão e no céu.

Passaram a ver a cidade de outro modo: uma ideia de cidade **onde coexistem vidas e a natureza pode pulsar.**

Como as crianças vivem seus percursos pelo chão imaginando o percurso voador das abelhas?

*As abelhas têm um **olhar muito sensível**, tem coisas que elas veem que a gente não vê.*

Olhar a cidade do ponto de vista de um ser pequeno muda completamente as escalas: o que é pequeno pode ficar muito grande, flores podem ser enormes e árvores, um mundo. A relação com a perspectiva também se altera: o percurso voador das abelhas possibilita imaginar a cidade vista de cima.



As crianças imaginam e fabulam como uma maneira de levantar hipóteses e construir conhecimentos. Estar na cidade, caminhar pela cidade e também imaginar possíveis cidades para as abelhas foi uma experiência vivida pelo grupo. **Apostamos na fabulação como forma de aprender.**

A abelha-rainha tem um leque que ela balança para se refrescar. Na casa dela, tem fogão para fazer mel; depois, ela leva lá na minha casa! Clara

Emma: *Eu acho que, na cidade, precisa ter buzina para as abelhas ouvirem e frearem quando tem muitas abelhas voando junto.*

Benjamin Rosa: *Tem que ter também a escola das abelhas.*

Na cidade das abelhas, as famílias das abelhas vivem juntas. Os velhinhos precisam viver com os mais novos. Precisa também ter lugar para as abelhas voarem, brincarem e para a mãe abelha fazer carinho no bebezinho. Maya

*Na cidade, precisa ter colmeia e floresta com muitas árvores e flores. As abelhas gostam de pegar néctar e pólen e colocar nesses buraquinhos; não gostam das plantas “espinhosas”, pois podem machucar. Fiz a calçada, cogumelo, faixa de pedestre, ciclofaixa. **As abelhas vivem junto com as pessoas e andam nos mesmos lugares.** Tarsilla*

Saiba mais



<https://veracruz.ink/46UuJEp>

Ao criarem uma ideia de cidade para as abelhas, as crianças tiveram que **se colocar no lugar de outro ser e olhar por uma outra perspectiva**, atravessadas pelas experiências de cuidado e possibilidades de coexistência.

Para cuidar das abelhas, podemos cantar uma música para elas! Catarina

Quais experiências de cuidado podemos criar para que nossa cidade seja um bom lugar para as abelhas também? Vocês sabiam que há movimentos que pensam a vida e os percursos das abelhas na cidade por meio de **corredores ecológicos**?



A ocupação

“Para onde foram as abelhas?” é uma pergunta que mobilizou professoras e crianças a se aventurarem pela cidade e descobrir pessoas e movimentos que poderiam contribuir com a investigação dessa curiosidade das crianças. Assim, chegamos ao Corredor Ecológico do Butantã.

Resultado de movimentos de moradores do bairro envolvidos com recuperação e preservação de áreas verdes, o Corredor Ecológico é um grupo que se organizou e se articulou e, em parceria com a Secretaria do Meio Ambiente, elaborou um projeto de corredor ecológico no território.

Nosso sábado, foi organizado de forma colaborativa com esse grupo e mediado principalmente por Élio, morador da Rua Boturoca e apaixonado por plantas. Também contou com a participação de Cris (Cristiane Saturnino Mendes Lemes), do Laboratório de Fisiologia das Abelhas/USP.

O dia estava ensolarado e quente. Nosso ponto de encontro era a Praça Doutor Reynaldo Anauate, situada na Vila Indiana/Butantã. Nós e algumas pessoas do corredor ecológico chegamos mais cedo para preparar o espaço.

Mudas de plantas separadas cuidadosamente em sacolinhas com placas de desenhos de cada criança foram dispostas na praça. Em

cada sacola, o nome das crianças. Aos poucos, famílias iam chegando e se acomodando perto dos materiais.

Cris abriu nosso encontro de maneira leve e divertida! “Quem sabe o que é polinização?”, perguntou ela. Pronto, foi o início de uma conversa sobre abelhas. Além da conversa, ela trouxe muitos livros. Ficamos ali por um tempo escutando, apreciando livros e conversando.

Alexandre, um dos moradores, contou para as famílias sobre o corredor ecológico, o que é e como surgiu. Ele nos disse: “No começo, pensamos, temos macacos desse lado e do outro, então seria muito interessante um corredor verde para que eles possam se encontrar”.

Convidamos, então, as famílias e crianças para conhecerem uma parte do corredor e plantar algumas mudas junto aos canteiros já preparados. As placas feitas pelas crianças também foram penduradas em alguns deles.

Gramma-amendoim, vadélia, penicilina, lavanda, cosmos, onze-horas e latana foram algumas mudas plantadas nesse dia. Cada grupo, com nosso apoio e dos integrantes do corredor, achou um espaço para cavar e depositar a mudinha.

Essa ação só pôde acontecer com a parceria de diversas pessoas. Em uma via de mão dupla, nós nos surpreendemos com o envolvimento e engajamento desse coletivo do bairro e eles também se deslumbraram com a curiosidade e criatividade das crianças.

A temática de vocês veio ao nosso encontro e nos complementou. Em princípio, me preocupei pela idade das crianças, mas participaram e levaram os pais ao plantio das mudas.

Achei muito interessante a apresentação da Cris e as colocações das crianças.

Nós agradecemos a oportunidade de convivência e a dedicação de todos vocês neste pedaço de tarde. Vocês deixaram o mundo mais bonito!

Depoimento de Élio, do Corredor Ecológico do Butantã

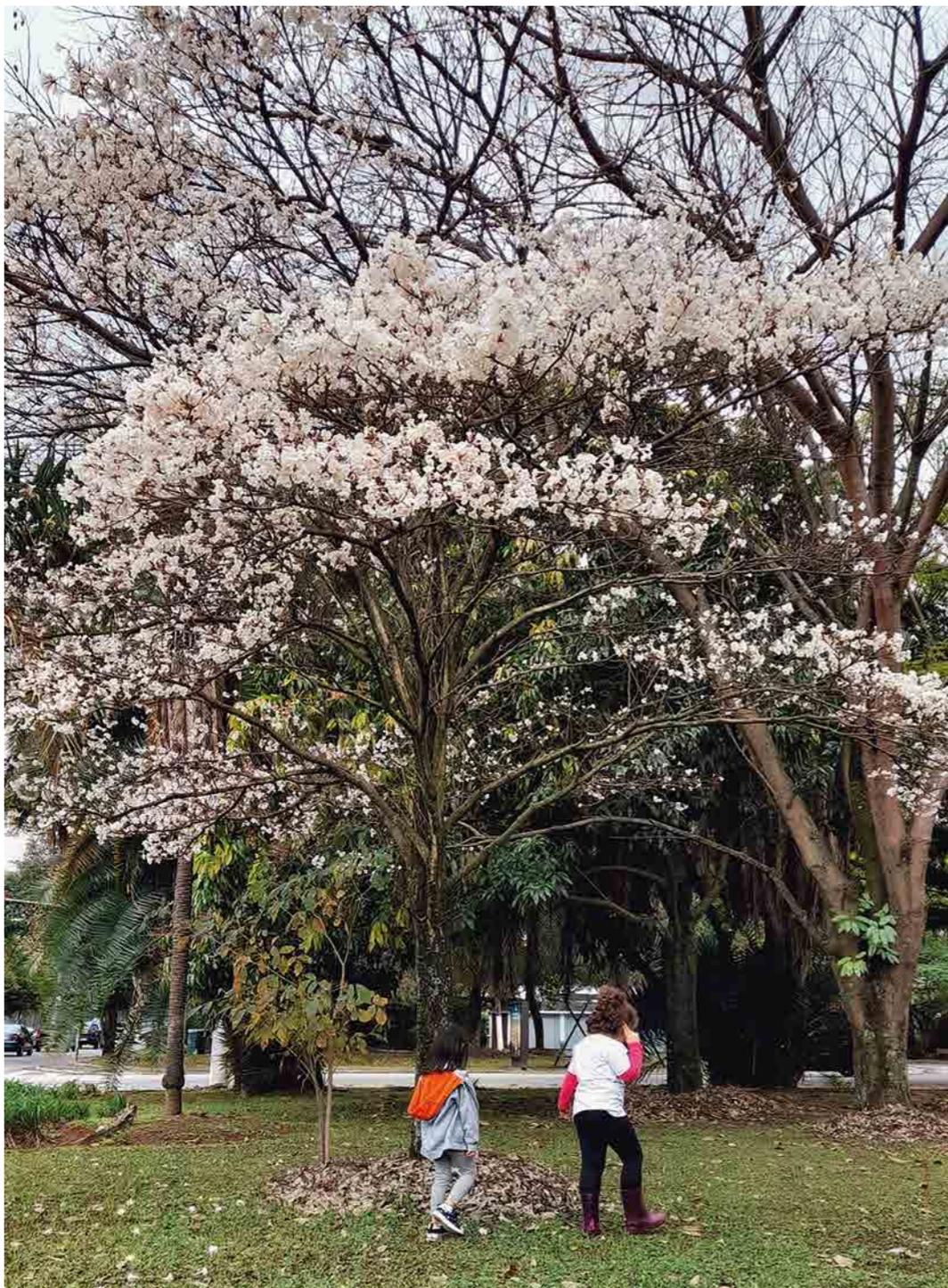




—

G4

—
—
—
—



PROFESSORES
Andréa Jota
Cristiane Santos

AUXILIAR DE GRUPO
Ivete Fortunato

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Lícia Breim

Quais vidas cabem no espaço urbano?

“VIDA 1. Propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte. 2. Modo de viver; conjunto de hábitos.” *Dicionário Oxford Languages*

Com a intenção de **refletir** sobre as **relações entre cidade e natureza**, convidamos as crianças a olharem mais atentamente para alguns espaços urbanos e expressarem suas percepções por meio de diferentes linguagens: cartografia, construtividade e desenho.

Como as crianças pensam e vivem a natureza na cidade?

Um pássaro, uma pessoa, o Sol, uma nuvem, um mato e uma árvore. Marco

Decidimos com as crianças os lugares onde observaríamos e realizaríamos os nossos ateliês a céu aberto.

O que esse espaço nos diz?**Quais vidas o habitam?**

Elas trouxeram problemáticas do espaço urbano na relação com a natureza.

José: *Estou com dó dessa árvore, jogaram lixo nela.*

Cecilia: *Ela precisa crescer mais, ela não tem espaço.*

Lucas S.: *Ela não vai crescer mais.*

Compararam o tamanho das árvores, refletiram sobre o crescimento e a vida.

Estas duas árvores têm folhas que são iguais. Caetano

Naquelas tem dois troncos. Bernardo

Colocou mais água nesta do que naquela outra árvore, e ela cresceu. Caetano

Esta é fina, esta é forte, porque tem muitos troncos. Tereza

Ela é quase do tamanho do céu. Gael





Passaram a estabelecer uma relação sistêmica com a vida, quando consideraram a interdependência entre os diferentes seres vivos na cidade.

Roque: *Precisa ter planta, porque, se não, a vida não iria existir. A planta tem vida, as árvores têm oxigênio para a gente respirar.*

Clara: *Sim, porque, se não, a gente não existiria, porque é ela quem dá o vento para a gente existir.*

Roque: *É impossível respirar sem ar, por isso que todo lugar tem uma árvore.*

Com o olhar apurado, as crianças passaram a atentar para a qualidade desses espaços, observaram: outras vidas presentes (for-



migas, aranhas e lagartas), a circulação de pessoas com seus animais de estimação e a maneira como cada lugar é ocupado (ou não) e ganha modos de vida.

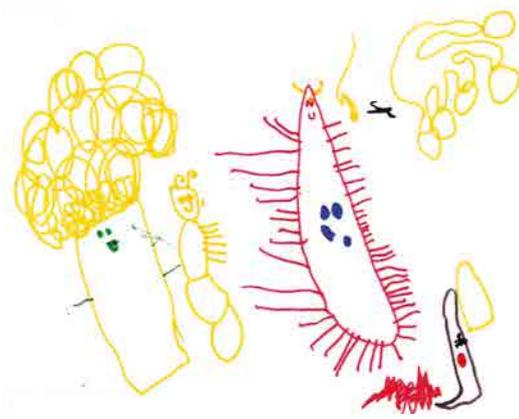
Lina: *Uma lagarta.*

Lucas M.: *Ela mora nesta árvore.*

Roque: *Ela come a frutinha, depois ela anda neste caminho até chegar aqui.*

Encontramos alguns cachorros passeando com os seus donos e descobrimos a história de um deles: o Sheik, que recebeu esse nome em homenagem a um jogador do Corinthians.

O Sheik. Carolina



A taturana, a formiga, uma árvore sorrindo e uma lagarta subindo nela, o ratinho querendo pegar a formiga, um ninho de ovos. **Manuela**



Um formigueiro, as formigas coloridas, a terra, o tronco da árvore e as folhas. **Lucas M.**



Eu fiz um besouro subindo na árvore e as crianças vendo ele. **Tereza**



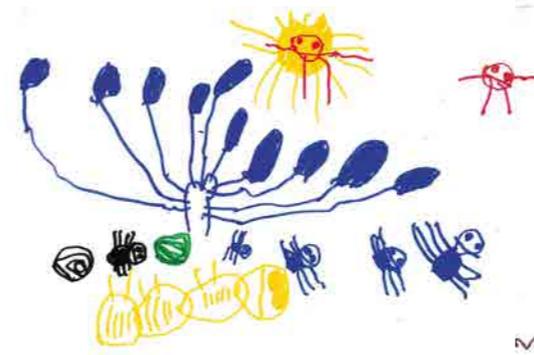
As formigas estão na casinha delas, o formigueiro é embaixo da terra. O passarinho é da mesma cor das folhas e da árvore. **Felipe**



A árvore e o Sheik, o cachorro e dois passarinhos. **Francisco**



As nuvens, o Sol, a árvore, a grama, as frutas e os passarinhos. **Gael**



Uma árvore, várias formiguinhas uma lagarta, duas pessoas e dois Sóis!!! **Clara**



Eu fiz uma árvore, uma flor e uma formiga. Eu estava vendo as plantinhas. **Liz**

Relacionar-se com o espaço, na perspectiva da relação entre cidade e natureza, ampliou olhares e narrativas e possibilitou que as crianças começassem a se reconhecer como partes integrantes de um sistema. Essas experiências criaram possibilidades de novos olhares, afetos, atitudes e modos de viver.

A ocupação

O Parque da Previdência abriga uma extensa área verde, com trilha numa florestinha, campo de futebol e outros espaços de lazer. Dentro dele, nem parece que estamos em São Paulo, pela abundância da mata, da diversidade de insetos, pássaros e flores. Ao mesmo tempo, a presença dos sons dos carros na Rodovia Raposo Tavares, que se encontra ao lado do parque, nos faz reconectar com a presença urbana. A visita ao Parque da Previdência aconteceu a partir de um convite aos pais, crianças e educadores para mergulharem numa trilha e observarem a vida pulsante. O que surge nessa caminhada? O que observamos de vida nesse caminho?

Munidos de um diário de bordo, cada família registrou no caderno, por desenhos e escritos, o que lhe chamou atenção: uma casca de cigarra, que revelava indícios de uma vida prévia, um cogumelo incrustado numa árvore, um inseto de asas nunca visto antes, plantas, musgos etc. Os corpos que seguiam as trilhas traziam olhares de curiosidades, interesses, surpresas e, mais do que tudo, de muito envolvimento; tanto adultos, quanto crianças. No final, propusemos uma exposição de todos os registros e convidamos todos para um momento de apreciação.

Um dia muito especial de encontros coletivos e descobertas de “vidas inusitadas”







PROFESSORAS
Ani Maruchi
Leticia Oliveira Mello

AUXILIAR DE GRUPO
Aninha Moreira

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Lícia Breim

Criança e cidade

*Relações de afeto construídas
no encontro com os vizinhos*

PERTENCER

SER - CIDADE

COM - VIVER

VIVER - COM

Como as crianças vivem a cidade?

Percorrer a ideia de vizinhança é, também, atentar ao compartilhamento da vida, mesmo que involuntário.

É perceber-se parte de um conjunto de vidas que correm e acontecem, muitas vezes de forma paralela, mas não imperceptível.

O que acontece e quem habita o bairro da nossa escola?

O que são vizinhos?

São pessoas que moram perto da outra. Elisa Brondi

Quando tem uma casa em cima da outra. Catarina

O chão da minha casa é o teto do vizinho de baixo. Joaquim

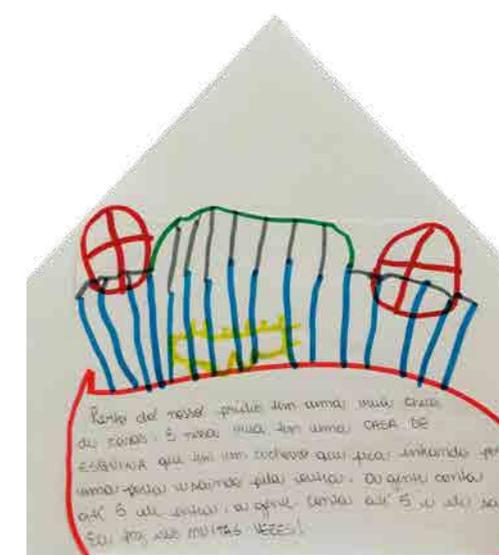
Minha tia ajuda a vizinha dela, cuidando do gatinho dela. João

A pesquisa

Temos como intenção que as crianças possam viver as relações de vizinhança a partir de seus olhares e afetos no diálogo entre CASA/ESCOLA e VIZINHOS, tecendo costuras entre o singular e o coletivo.



Luca



Teodoro

Os olhares das crianças sobre os seus vizinhos

Quem são? O que você sabe sobre eles?

O imaginário e a realidade

Luca compartilhou sua ideia de vizinho imaginando quem ele gostaria que fosse.

Eu também gostaria que o Flash fosse meu vizinho porque, nessas férias, eu brinquei muito de Flash. Luca

Perto do nosso prédio tem uma rua cheia de casas. E, nessa rua, tem uma casa de esquina que tem um cachorro que fica entrando por uma porta e saindo pela outra. A gente conta até 5, ele entra. A gente conta até 5 e ele sai. Ele faz isso muitas vezes. Teodoro

Nossos vizinhos da escola

Colher indícios e afetos sobre as casas. O que eles observam? Cores? Arquitetura? Imaginário?

Benjamin: *Parece uma casa velha, as paredes estão quebradas.*

Alice: *Será que é de um construtor? Que a casa estragou e ele vai consertar?*

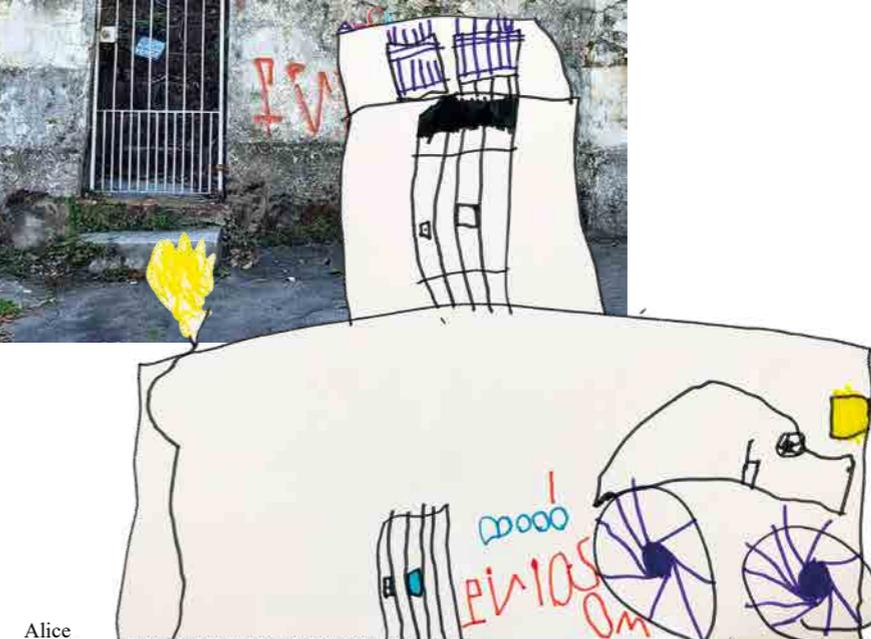
Helena: *É uma casa assustadora. Eu pensei que o vampiro de água usou muita água nas plantas e elas morreram.*

Joaquim: *Vocês estão vendo uma placa? Deve ser para vender. Eu acho que mora um bandido, e ele invadiu essa casa abandonada e deixou uma placa escrita “casa abandonada”.*

Essa casa, pela sua aparência e estética, levou as crianças a imaginarem seres e pessoas que habitam casas abandonadas. Bruxas, vampiros, bandidos, bichos e, junto deles, narrativas que dialogam com o assombro.

Algumas crianças observaram uma placa e levantaram hipóteses sobre seus escritos, fazendo inferências sobre a leitura: “casa abandonada”, “casa a venda”, “casa construindo”. Assim também fizeram com os escritos das pichações no muro: “lava”, “sangue do vampiro” etc.

Os vampiros moram em cima, o fogo e o urso gigante moram embaixo. Elisa Cinelli



O vampiro de lava mora nessa casa. Leonardo

Algumas crianças levantaram a hipótese de que os moradores da casa amarela são ladrões, pois fazem relações com a história do livro *Vizinhos*, escrita por Einat Tsarfati, considerando a cor da casa e dos personagens.

Eu acho que é uma casa dos ladrões. Porque ladrão adora ouro, dourado, e a casa é amarela. Teresa

Outras crianças também consideraram a cor, compararam com os super-heróis e com os objetos da casa:

O Hulk gosta de amarelo, o Flash gosta de branco igual ao Mancha e o Homem Gelo gosta de verde. Tem uma câmera para ver se está entrando um vilão na casa, eles moram juntos porque são super-heróis. Antonio Batista



Caetano

Os encontros e desencontros

O senhor Francisco contou que ele cuida de muitos passarinhos, das plantas do jardim e das gaiolas dos passarinhos. Ele mora nessa casa há mais de 20 anos e ele tem 80 anos. Francesco

Professora: *Será que a gente consegue ouvir algum som lá de dentro?*

Aurora: *Será que a bruxa é uma criança e está fazendo aniversário com coisas medonhas? Uma festa divertida e assustadora.*

As crianças se puseram a pensar o que da nossa escola revela o afeto que poderia ser compartilhado com o nosso vizinho: jabuticabas e pitangas colhidas do pé, pão fresquinho feito por Rivânia e Natan, frutas que eles gostam de comer no lanche e desenhos que fizeram da casa amarela. No dia, Francisco não estava em casa, mas descobrimos por uma outra vizinha que seu filho trabalha numa oficina ao lado. Leandro nos recebeu para entregar a cesta depois a seu pai.

Nossa pesquisa continua pelas ruas de nosso bairro, nos encontros e desencontros com os vizinhos. Suas relações com a sua vizinhança lhe traz afetos?



A ocupação

Quem mora ao seu lado? Você conhece o seu vizinho? Qual é a sua história?

Durante o semestre, a turma do G4 da Ani, Leticia e Aninha investigou a vizinhança ao redor da escola. Partiram da observação e detalhes de algumas casas, construíram narrativas imaginárias e reais sobre elas. Perceber quem são as pessoas que convivem na redondeza da escola convidou as crianças a atentarem mais para um espaço em que elas vivem diariamente e que, muitas vezes, passa despercebido.

O encontro de sábado entre as crianças, familiares e educadores aconteceu numa praça ao lado da escola, o que não podia ser diferente. Começar o dia todos juntos (famílias, crianças e educadores) numa grande roda no meio da praça foi uma inspiração para olhar e atentar para esse espaço. Em pequenos grupos, as crianças e seus pais observaram várias casas ao redor da escola e escolheram uma delas para realizarem um desenho de observação, ressaltando detalhes e aspectos que lhe chamassem atenção. As crianças e famílias fizeram muitas descobertas sobre as casas desse entorno. Teve gente que desenhou o posto de gasolina, mesmo não sendo uma casa; “Ele é o nosso vizinho”, como disse uma criança.

Os olhares para os detalhes de cada casa se revelaram aos poucos nos desenhos de cada família: um varal de muitas camisetas de futebol colocado na varanda no alto de uma casa, um telhado que parecia um rabo de sereia, os números de cada uma, uma placa de seguro com alguns escritos, que sugeria ser o nome de quem morava lá etc.

Enfim, detalhes que no dia a dia passariam despercebidos inauguraram relações e afetos com a vizinhança.





PROFESSORAS
Fernanda Vignola
Livia Burani (Liló)

AUXILIAR DE GRUPO
Aninha Moreira

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Lícia Breim

Memórias da cidade, cidades com memórias

Mais do que nunca, vivemos em um momento de extrema fluidez e transformação em nossos cenários urbanos.

A cada dia, novos prédios são tirados do papel, ocupando o espaço de casas, restaurantes, praças etc. **Onde ficam as nossas memórias com essas mudanças?** Uma cidade com mais texturas, uma vida mais porosa, num cenário que possa respirar simultaneamente a chegada do novo, sem perder a celebração histórica com o que há de antigo. Foram essas as perguntas e as reflexões que escolhemos apresentar para nosso grupo de crianças, a partir

da observação de imagens da cidade de São Paulo em suas diversas metamorfoses ao longo dos anos.

Carroças em vez de carros, casarões em vez de prédios, homens de paletó e chapéu... dentre muitos outros detalhes, despertaram a atenção e a curiosidade de nosso grupo, o que fez com que partíssemos para uma pesquisa com as famílias.

O que ainda permanece na cidade? Onde estão esses vestígios entre passado e presente? Como aguçar nossos olhares para observarmos detalhes que podem carregar histórias?

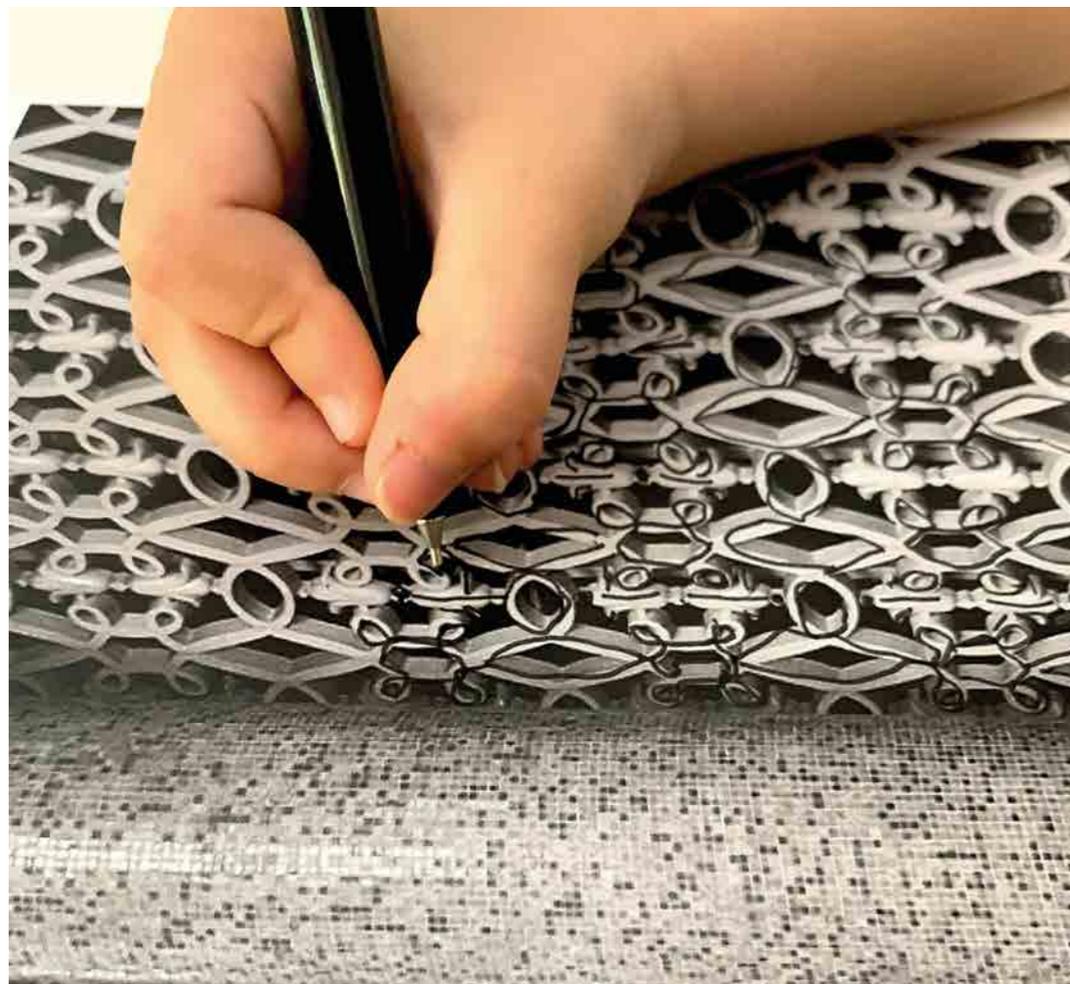
Eu achei interessante essa parede, parece barro. Parece que, quando eu olho, eu fico sentindo essa mistura de barro com cor laranja. Bem Poran

Nessa casa, não pode mais morar nela. Não pode mais desconstruir para construir outra coisa em cima. Eu não gosto quando as coisas são desconstruídas na cidade. Julia

Eu acho o antigo mais bonito, eu tenho um livro da Lina Bo Bardi, e as casas que ela fazia eu acho que são mais bonitas do que [as que] tem hoje. Lina

Os registros fotográficos trazidos pelas famílias também favoreceram problematizações em torno das questões arquitetônicas e estéticas da cidade. Linhas, formatos, cores e materiais foram alvo de estudo, por meio da linguagem do recorte e da colagem.





As crianças criaram novas composições gráficas, e foi durante a feitura desses trabalhos que novas reflexões surgiram – cidades recriadas e reinventadas pelas crianças. Uma forma de concretizar desejos e se conscientizar mais sobre seus antepassados e as memórias que nos constituem.



A ocupação

A Vila Itororó em si já é uma experiência... sua história, sua estética, sua arquitetura, suas lutas. Estar na cidade é viver essa complexidade nas descobertas e a alegria de se sentir pertencente. Uma escola da zona oeste se deslocou para o bairro do Bixiga e fazer escola lá, já anunciava o que teríamos pela frente.

Famílias, crianças e educadores encantados, curiosos, questionadores, inquietos, intrigados foi a base para experiências de aprendizagens — abriu espaço para a escuta dos educadores desse centro cultural, que compartilharam a história e os personagens que fazem parte desse lugar. O convite para olhar a arquitetura e procurar o que é novo, o que é velho e onde o olho escolhe parar mobilizou crianças e adultos a percorrerem os espaços com olhos de ver.

Papéis diversos, canetas pretas e o convite ao desenho de observação evidenciaram a entrega das crianças e presença dos adultos nessa proposta. Partilhar desenhos e compor com recortes e montagens os painéis de grupo constituiu o ponto de vista da turma toda para as construções da Vila Itororó.

Buscando sombras, conhecendo a programação e acolhendo as escolhas e desenhos das crianças e familiares, vivemos uma manhã muito interessante, de aprendizagens e partilha de maravilhosos. Obrigada aos presentes!







PROFESSORES
André Tato Gimenes
Cristiane Santos

AUXILIAR DE GRUPO
Ivete Fortunato

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Lícia Brein

Entre a floresta e a cidade, passa um rio

“Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente — a gente rende.” Antônio Bispo

Aqui, na minha cabeça, é o morro e, na minha perna, é o mar. Você sabia que o rio nasce aqui, no morro, desce numa cachoeira, na minha barriga, e chega no mar? Bento

A escola é lugar de confluências. Aqui, compartilhamos saberes uns com os outros para que confluam, ampliando os conhecimentos de todo um grupo, de toda uma comunidade.

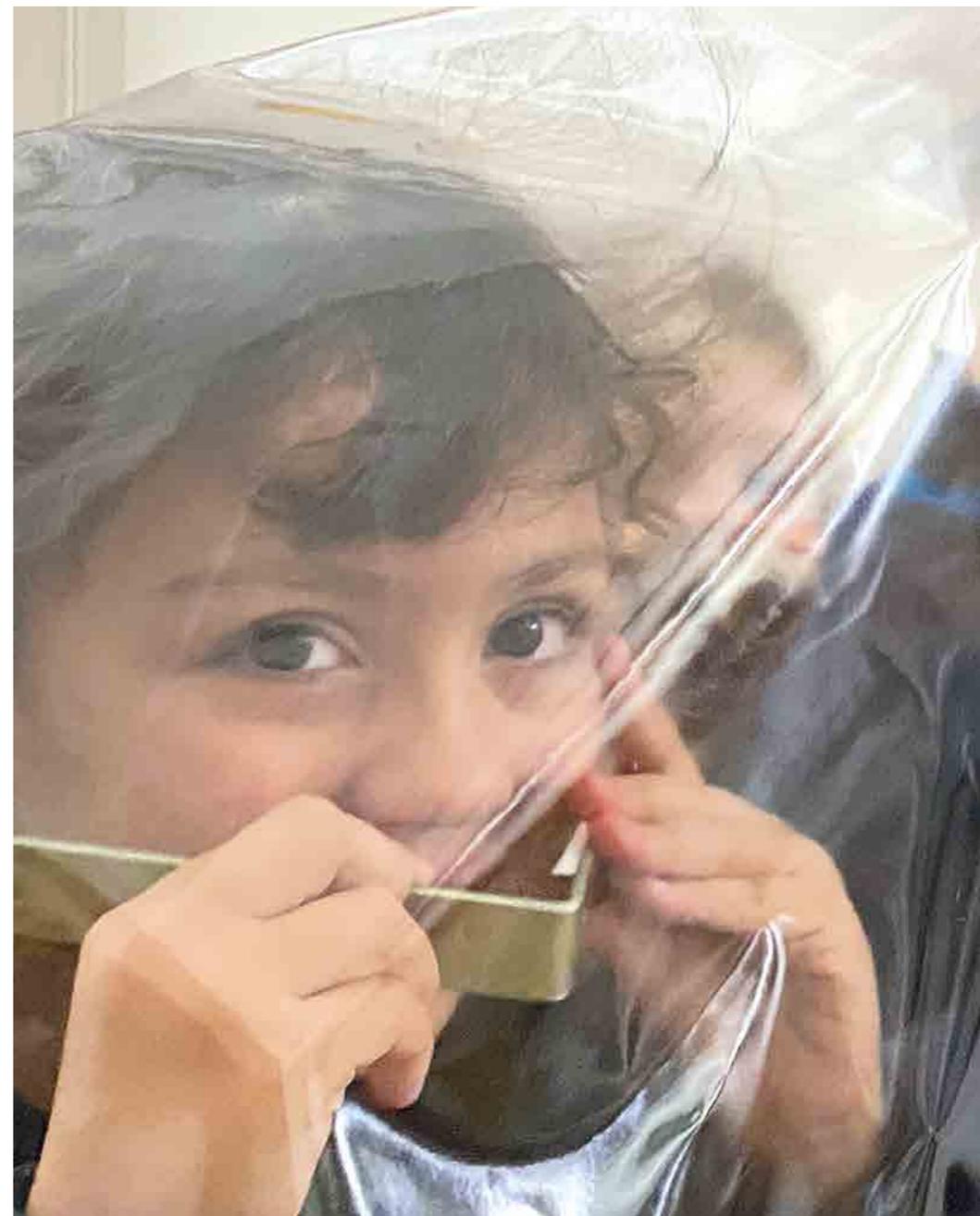
As perspectivas indígenas de Ailton Krenak nos inspiraram a olhar para os rios com empatia. Os rios são avós. Eles têm nomes, humores, personalidades e corpos. Os rios nascem e morrem, são seres vivos ancestrais. Tomamos nossos próprios corpos e personalidades como base topográfica para pensar no caminho das águas e nas partes que compõem os corpos dos rios. Um plástico transparente trouxe a sensação de estarmos debaixo d'água, marcando o relevo de nossos corpos, que formaram cachoeiras, nascentes, leitos, fundo, água, curvas e foz. Narrativas e pensamentos sobre o rio foram convocados ao nos imaginarmos em um mundo subaquático.

Vamos brincar de casinha debaixo d'água? **Maria**

Eu estou debaixo d'água! Precisa usar máscara para respirar.

Clara

O rio atravessa a floresta e a cidade, ele é limite, obstáculo, caminho, via de acesso entre esses dois ambientes em conflito.



O que tem nas margens do rio?

Eu e o Tomás B. e o Felipe B. construímos o santuário das tartarugas. Tetê

Ana: A gente vai construir um porto para os barcos aqui.

Felipe B.: Mas aqui é o santuário das tartarugas, não pode!

Tetê, Felipe B. e Tomas B protestam: Aqui não! Aqui não! Aqui não!

Então vamos construir do lado, Ana? Perto da floresta da Juli-nha já tem barcos. Malu

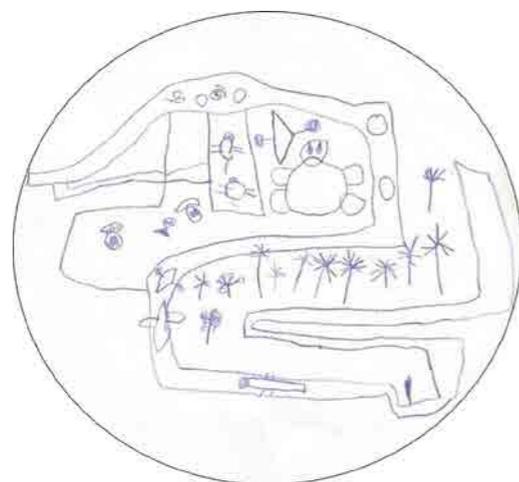
Na proposta de construção, colhemos narrativas das crianças que refletem o avanço humano sobre os ambientes naturais. No percurso do rio entre a cidade e floresta, elas mostraram o conflito entre essas duas paisagens que margeiam os rios.

As pessoas demoliram a floresta para fazer cidade. Heloisa

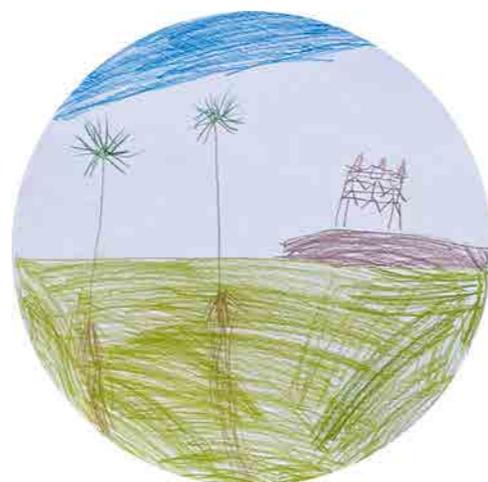
Como é o rio na floresta?

Como é o rio na cidade?





Tetê



Isabel

Floresta

Com a ideia das crianças de que o rio na floresta é cheio de curvas, as provocamos para explorarem as linhas curvas.

Quando era floresta, o rio tinha um monte de curvas. Porque a floresta dá mais espaço para o rio e a cidade dá menos espaço para o rio. Na floresta, as árvores compartilham a água com o rio. **Luiz**

Água com terra faz lama. **Francisco**

O chão do rio da floresta é de lama. **Ana**

Rio

Essa linha divide a cidade da floresta. A cidade divide a floresta. **Julia Godoi**

Cidade

A cidade ficou mais longa, e a floresta ficou mais curta. **Caetano**

O rio é reto porque a rua está do lado dele, mas ele não era reto. **Tomas B.**

Cada rio em um burquinho. Eu acho que é assim na cidade. **Julia Oliveira**

Tem a ponte, e o rio continua reto. Tem uma rua em cima do rio. O cimento quem faz são os construtores. **Malu**

O rio fica do lado da rua, eles são retos. **Lorena**

Eu fiz uma rua que é em cima de um rio na cidade. **Santiago**

Diante dessa dicotomia, pensamos o rio não como um divisor, mas um caminho que conecta e conflui.

Lina nos lembra de que: “Até o rio mais sujo do mundo pode ser limpo”.

Nos perguntamos então: como o rio pode nos inspirar a confluir a cidade e a floresta?

A ocupação

A Praça das Nascentes é um espaço no meio da cidade de São Paulo, mais precisamente, no bairro da Pompeia. Lá, encontramos muitas árvores, passarinhos, variedade de insetos, plantas diversas, muitos cantinhos, um lago e várias nascentes escondidas entre a vegetação. E foi nesse espaço que as crianças, famílias e educadores se reuniram para conhecer um pouco mais sobre as águas que habitam nossa cidade e refletir sobre cuidado e responsabilidade. Saber que existem nascentes no meio da cidade e conhecer esse espaço ampliou os olhares das crianças sobre a pesquisa dos rios que elas viveram ao longo do 2º semestre. Dentre tantas perspectivas, esse assunto também foi aprofundado pelo olhar e perspectiva indígena, que gerou muita empatia das crianças pelo rio.

No encontro desse dia, contamos também com a presença de Adriano Sampaio, “caçador de rios”, que nos contou muitas histórias sobre essa praça. Ele foi um dos pioneiros que abraçou a causa de restaurar a praça e suas nascentes, construindo um lago que até hoje está lá. E a partir daí, Adriano começou a procurar outras nascentes pela cidade e passou a mapeá-las. Tivemos também a presença de um casal da etnia Guarani, Michel e sua esposa, do Jaraguá, que nos contou a história de seu modo de viver em sua comunidade, a relação e o respeito que eles têm pelas águas e

os rios. As crianças ouviram atentamente e se encantaram com o que eles trouxeram. Puderam experimentar os grafismos indígenas em seus corpos feito por Michel.

As crianças, com suas famílias, puderam ver o curso d’água que enche o lago e a biodiversidade das plantas (água-pé, alface d’água e pinheirinho), que contribuem para manutenção e saúde da água. Pegaram na mão os girinos, seres que habitam o lago e que comem os mosquitos e suas larvas. Além disso, conheceram as plantas do Cerrado, percorrendo uma pequena trilha que há na praça.

Foi um sábado gostoso de muitas descobertas e experiências em grupo, em um lugar novo, um espaço que integra natureza e cidade ainda desconhecido dentro da vida urbana.



A CRIANÇA E A CIDADE
Experiências na cidade em 2023 – G1 ao G4



Educação Infantil – G1 a G4

DIREÇÃO GERAL
Heitor Fecarotta

DIREÇÃO DE GESTÃO
Marcelo Chulam

DIREÇÃO PEDAGÓGICA
Regina Scarpa

COORDENAÇÃO
Fabiana Meirelles

ORIENTAÇÃO
Lícia Breim
Luciana Cabral
Sílvia Macul

EQUIPE
Aldenise de Menezes Rocha
Ana Monteiro Yoneya
Ana Paula Carrascosa
Ana Paula Rigo Penteriche Paz
André Tato Gimenes
Andréa Jota
Ani Maruchi
Aninha Moreira
Carol Arvélos
Célio Gomes
Clara Stella Alves
Cristiane Santos
Dani Dini
Dani Morita Nobre
Danielle Silva
Deise Bernardo
Denise dos Reis Furquim (Teca)
Edu Freitas
Elizabeth Menezes (Bethinha)
Fernanda Vignola
Flávia M. A. Marcomini
Ivani Sousa
Ivete Fortunato
Joelma da Fonseca
Juliana Guimarães
Karina Freitas Pereira
Karina Crespo
Keyla Ferreira Soares
Larissa Neves

Leticia Oliveira Mello
Livia Burani (Lilô)
Marcia Gowdak
Márcia Triviño Moisés
Maria Sena
Maria Simone Nunes
Mariah Pissarra
Mariana Franco
Mariana Isnard Carneiro
Nataniel Santos
Nathália Puccinelli
Nina Craveiro
Patrícia R. Martins
Priscila Basile
Rivânia Nascimento
Rosa Gonçalves
Rosilene Silva
Samuel Oliveira
Silene R. de Souza
Simone Aiex
Sofia Alves
Tânia Schandert
Tatiana B. Vieira
Valdenice Pereira
Vanessa Almeida
Vanilson Souza
Victória Cordeiro



EDIÇÃO
Claudia Cavalcanti
Juliana Lopes

REVISÃO
Iara Arakaki

PROJETO GRÁFICO
Juliana Lopes

São Paulo, março de 2024

Catálogo: Alexandre Cardoso Leite / CRB8-7007

A criança e a cidade: experiências na cidade em
2023 - G1 ao G4 / editado por Claudia Ca-
valcanti – São Paulo : Escola Vera Cruz Edições,
2024.
192 p. : il.

ISBN:

1. Relações escola-comunidade 2. Cidade educa-
dora I. Cavalcanti, Claudia

CDD - 370.193

1. Relações escola-comunidade - 370.193
2. Cidade educadora - 370.193



VERACRUZ

